

# Revista Adventista

Ano 76 · Nº 813 · €1,90

Fevereiro 2015

## A Resistência Não Violenta ao Mal



### DEUS OU NADA

Pode-se obter algo a partir de nada?

17



### A FIABILIDADE DAS ESCRITURAS DO NOVO TESTAMENTO

Provas da fiabilidade da Bíblia.

22



### TEM A DATA 1844 FUNDAMENTO BÍBLICO?

Aconteceu algo especial em 1844?

30

# Está em Risco

# ?



2

## Segredos de Bem-estar

A obesidade, a diabetes e as doenças cardíacas estão a atingir proporções epidémicas. Embora a diabetes possa ser diagnosticada numa fase precoce, através de um teste ao sangue relativamente bar-

to, 50% das pessoas com diabetes podem não estar diagnosticadas. Outras medidas importantes para diminuir os seus fatores de risco incluem controlo da pressão arterial e níveis de colesterol. O seu nível de açúcar no sangue é normal? **A sua tensão arterial e os níveis de colesterol estão normais? Verifica-os regularmente?** Uma dieta vegetariana saudável, em combinação com a prática regular de exercício físico moderado, evitar

fumar e manter um peso corporal normal são eficazes na prevenção da diabetes e de doenças cardíacas. «**O segredo da mudança é focar toda a sua energia, não em combater as coisas antigas, mas em construir coisas novas.**» Sócrates. ♥

## Pode começar hoje!

[www.secretsofwellness.org](http://www.secretsofwellness.org)



IGREJA ADVENTISTA  
DO SÉTIMO DIA

150 ANOS

DE PROMOÇÃO DA SAÚDE



QUERO VIVER MAIS



Dr. Hana Kahleova

Endocrinologista e Investigadora  
Praga, República Checa

## "EIS QUE CEDO VENHO"

A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-LO melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

### DIRETOR

António Rodrigues

### Chefe de Redação

Paulo Sérgio Macedo

### Coordenador Editorial

Paulo Lima

### Colaboradores de Redação

Manuel Ferro e Lara Figueiredo

### Projeto Gráfico e Diagramação

Sara Calado

### Fotografias Ilustrativas

© Shutterstock  
E-mail revista.adventista@pservir.pt

### PROPRIETÁRIA E EDITORA

Publicadora SerVir, S. A.

Diretor Carlos Simões Mateus

### Sede e Administração

Rua da Serra, nº 1 – Sabugo 2715-398 Almagem do Bispo Tel: 21 962 62 00 Fax: 21 962 62 01

Controlo de Assinantes Paulo Santos

E-mail: assinaturas@pservir.pt Tel: 21 962 62 19

Impressão e Acabamento Jorge Fernandes, Lda. Charneca da Caparica

Tiragem 1500 exemplares

Depósito Legal Nº 1834/83

Preço Número Avulso €1,90

Assinatura Anual €19,00

Isento de inscrição no E. R. C. – DR 8/99 artº 12º Nº 1a  
ISSN 1646-1886

Ilustração da Capa © Shutterstock

São bem-vindos todos os manuscritos, solicitados ou não, cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e a morada do autor bem como o contacto telefónico. Não se devolvem originais, mesmo não publicados.

Não é permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta revista, ou a sua cópia transmitida, transcrita, armazenada num sistema de recuperação, ou traduzida para qualquer linguagem humana ou de computador, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico, manual, fotocópia ou outro, ou divulgado a terceiros, sem autorização prévia por escrito dos editores.



A Revista Adventista, Órgão da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal, é publicada mensalmente pela União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia desde 1940 e editada pela Publicadora SerVir, S. A.



### CIÊNCIA E RELIGIÃO

## 06 Escavando dinossauros no Wyoming

Em pleno século XXI, existem pessoas que negam a existência dos fósseis de dinossauros.



### TEOLOGIA

## 30 Tem a data 1844 fundamento bíblico?

O ano de 1844, enquanto cumprimento da profecia bíblica, permanece de pé ou cai conforme se interprete o período de tempo dos 2300 dias de Daniel 8:14.



### DEVOCIONAL

## 28 Olhando para o cano de uma caçadeira

"No momento seguinte a porta abriu-se completamente e eu estava a olhar para o cano de uma caçadeira de canos serrados."

## 04 A CONVERSÃO EDITORIAL

## 05 MEMO

## 18 NOTÍCIAS INTERNACIONAIS

## 21 NOTÍCIAS NACIONAIS

## 35 O FUNDO DO POÇO ESPAÇO JUVENIL

**10 A RESISTÊNCIA NÃO VIOLENTA AO MAL** > ARTIGO DE FUNDO  
Cristo aplicou este princípio na Sua vida e o Seu comportamento durante a Paixão é prova desta aplicação.

**17 DEUS OU NADA** > REFLEXÃO  
As únicas opções são: ou um Deus eterno criou o Universo ou foi o "nada" que o criou.

**22 A FIABILIDADE DAS ESCRITURAS DO NOVO TESTAMENTO** > BÍBLIA  
Será que podemos afirmar que a Bíblia é uma revelação da vontade de Deus, confiável e dotada de autoridade?





## “Bem-aventurados os mansos”

**N**a história do Cristianismo encontramos relatos de inúmeras guerras e atos de agressão entre povos que procuram dominar-se mutuamente. Infelizmente, todas estas batalhas e intrigas não têm uma origem divina, mas sim diabólica. Triste é o facto de essas nações utilizarem a Bíblia ou, mesmo, o nome de Deus para alcançarem os seus intentos, recorrendo à força e à destruição de vidas humanas. Tendencialmente, cada um procura encontrar algo ou alguém que favoreça o seu ponto de vista. É fundamental lembrar que a face do Cristianismo é Jesus Cristo e ninguém mais. Jesus, durante os Seus três anos e meio de ministério, foi bem claro na Sua abordagem. Cristo jamais demonstrou favorecer o uso da violência, fosse ela física ou outra. Pelo contrário, Jesus demonstrou estar firmemente do lado da verdade e da justiça. Essa firmeza era baseada no perdão e no amor. No Sermão da Montanha, a paz e a misericórdia são mencionadas como base essencial dos Seus ensinamentos. Jesus disse, sem hesitação ou ambiguidade: “Bem-aventurados os pacificadores, pois serão chamados filhos de Deus.” “Mas eu lhes digo: Não resistam ao perverso. Se alguém o ferir na face direita, ofereça-lhe também a outra.” “Mas eu lhes digo: Amem os vossos inimigos e orem por aqueles que vos perseguem” (Mateus 5:9, 39, 44). Jesus claramente en-

sinou que não devemos responder à violência com violência. Seguir o mestre Jesus significa permanecer n'Ele e servir-l'O com amor no coração. Para o crente, a não participação em atividades bélicas deverá ser um visível testemunho do poder do Evangelho. A atitude e a resposta mais natural de um Cristão perante o cenário de guerra deveria ser o uso de palavras poderosas de paz e reconciliação. “Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como a dá o mundo. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize” (João 14:27). No Sermão da Montanha, as palavras de Cristo vão ao encontro daqueles que reconhecem o seu estado pecaminoso e se deixam envolver pelos braços fortes de Jesus. “Bem-aventurados os mansos” (Mateus 5:5). O maior desejo de Jesus é restaurar a imagem de Deus no Homem. Ele nada poderá realizar para promover essa restauração se o homem procurar os caminhos da guerra ou da violência, caminhos contrários à natureza divina. “Os homens não podem fabricar a paz. Os projetos humanos para purificação e reerguimento dos indivíduos ou da sociedade deixarão de produzir a paz, visto que não atingem o coração. O único poder capaz de criar ou perpetuar a verdadeira paz é a graça de Cristo” (Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 253).

Se imitarmos a humildade de Jesus, sobrepomo-nos à tentação

a que estamos diariamente expostos. A mais elevada prova de nobreza num Cristão é o domínio de si mesmo. Perante a provocação ou a crueldade, manter o espírito calmo e confiante demonstrará o que o Espírito Santo tem realizado na nossa vida. Através de um carácter humilde, o Cristão encontrará o poder que o levará à vitória espiritual. “Bem-aventurados sois vós, quando vos injuriarem e perseguirem, e mentindo, disserem todo o mal contra vós por minha causa. Exultai e alegrai-vos, porque é grande o vosso galardão nos Céus; porque assim perseguiram os profetas que foram antes de vós” (Mateus 5:11 e 12). A União com Cristo traz a inimizade do mundo. Cada prova nesta vida é certamente uma preparação para a Eternidade. Cada conflito, cada batalha deve ser vencida pelo poder de Jesus, e não pelo poder da força humana. Muitos vivem uma aparência de Cristianismo, porque concordam com algumas doutrinas. No entanto, não permitem que Deus introduza a verdade na vida prática. Vivem sem o poder eficaz do Espírito Santo e sem a graça que nos transforma dia-a-dia. Professam fé na verdade mas não são sinceros, bondosos, pacientes, honestos. São uma influência destruidora no Mundo. A célebre pergunta deve ser feita ainda hoje: O que faria Jesus no meu lugar? ♣

· **Pr. António Rodrigues**,  
presidente da UPASD

## MEMO

### DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

#### Fevereiro

01	Encontro de anciãos da R. E. Norte no CAOD
07-14	Semana da Família
07	Formação para a Escola Sabatina R. E. Alentejo
08	Encontro de anciãos da R. E. Centro na Igreja de Coimbra
14	Dia da Família e Lar Cristão
14 e 15	Escola de formação JA – Nível I / Norte e Centro
15	Encontro de anciãos R. E. Lisboa e Vale do Tejo na Igreja Central
14-16	Encontro de pessoal não docente da REASD
21	Formação para a Escola Sabatina R. E. Algarve
21	Encontro de anciãos da R. E. Alentejo e Algarve na igreja de Albufeira
21 e 22	Escola de formação JA – Nível I / Lisboa e Sul
22	Encontro de Líderes
28	Encontro de delegados da ADRA
28	Formação para o diaconato R. E. Norte na igreja do CAOD

#### Março

07	Dia Internacional da Oração da Mulher
14-21	Semana de Oração JA
20-22	Certificado de Liderança do Min. da Mulher
21	Dia Global da Juventude
28	Formação do Diaconato R. E. Lisboa e Vale do Tejo

### COMUNIDADE DE ORAÇÃO

#### fevereiro

02-06	Escritórios Nacionais da ADRA
09-13	Faculdade de Marienhöhe (EUD)
16-20	União Espanhola (EUD)
23-27	Seminário Teológico de Bogenhofen (AU)

ANTENA 1 RTP2

#### FÉ DOS HOMENS

RTP2, a partir das 15h30 // ANTENA 1, a partir das 22h47

02/02	Segunda-feira
25/02	Quarta-feira
09/03	Segunda-feira

#### CAMINHOS

RTP2, às 11h // ANTENA 1, a partir das 06h

29/03	Domingo
-------	---------



BANCO DE LEITURA

# Profecias Surpreendentes

Herbert D. Douglass

O dom profético de Ellen G. White tem sido muito atacado pelos opositores da Igreja Adventista do Sétimo Dia, sejam eles membros de outras denominações ou antigos Adventistas que apostaram. Tal não é de admirar. Afinal, se se puder mostrar que a nossa Igreja abriga no seu seio a manifestação moderna do Espírito de Profecia (Apocalipse 19:10), fica imediatamente provado que ela é a verdadeira Igreja de Deus do tempo do fim (Apocalipse 12:17). Ora, uma das formas de se comprovar que Ellen G. White possuiu verdadeiramente o dom profético passa pela avaliação da concretização dos eventos que ela profetizou. Ora, neste campo nós temos fortes provas da inspiração divina que guiava a Mensageira do Senhor. É precisamente isso que nos vem mostrar Herbert E. Douglass no livro que aqui apresentamos. Sendo um especialista na vida e obra de Ellen White – ele é também autor do livro *A Mensageira do Senhor* –, Douglass apresenta no livro *Profecias Surpreendentes* algumas das predições mais dramáticas de Ellen White sobre eventos mundiais futuros. Da predição da Guerra Civil Norte-Americana até às visões sobre o Grande Conflito, passando pelas profecias sobre o desenvolvimento do Espiritismo moderno e sobre a ascensão do Papado, Herbert Douglass não só expõe as grandes profecias de Ellen White, como comprova historicamente a sua realização efetiva. Assim, se o Leitor deseja reforçar a sua fé no Espírito de Profecia ou se, simplesmente, deseja obter uma ferramenta que lhe forneça argumentos sólidos e poderosos para defender o ministério profético de Ellen White, então não pode deixar de ler este livro. Lembre-se de que, ao provar a inspiração divina da Mensageira do Senhor, estará também a provar que a Igreja que ela ajudou a fundar é a Igreja remanescente de Apocalipse 12, isto é, a verdadeira Igreja de Deus do tempo do fim. Poderia haver uma razão mais forte do que esta para recomendar a leitura da obra de Herbert Douglass que aqui apresentamos? ¶



**Paulo Lima**  
Redator da Revista Adventista

# Escavando Dinossauros no Wyoming

## ***E no entanto... eles existem!***

Rejeitar o paradigma evolucionista em relação às origens não é o mesmo que negar evidências que podem ser encontradas e verificadas. E, definitivamente, não é, nem de perto, o mesmo que negar a realidade da existência dos milhões de ossos de Dinossauros que foram encontrados e documentados em milhares de escavações. No entanto, em pleno século XXI, existem pessoas que negam a existência destes fósseis. Pois bem, se eu tivesse alguma dúvida a este respeito, em junho de 2013 tive a oportunidade de esclarecê-la, pelo que quero partilhar essa experiência com os Leitores.

No espaço de três dias, eu e um dos meus filhos pudemos escavar com as nossas mãos (ajudados por algumas ferramentas) e estudar por nós próprios cerca de dez ossos e tendões fossilizados, que,



pela sua dimensão, pertenceram claramente a animais enormes. Na imagem pode ver-se a comparação da mão de uma criança de 12 anos com um dos ossos encontrados. Dimensões realmente impressionantes! Por isso, podemos dizer que, neste caso, vimos com os nossos olhos e escavámos com as nossas mãos. A riqueza da jazida em que se situa a Estação de Investigação em que fizemos o nosso trabalho é surpreendente.

## ***A aventura começa***

*“Vamos enviar-lhe as instruções para chegar à Estação de Investigação, mas deve manter esta informação confidencial!”* O secretismo chamava a atenção e aumentava a expectativa em relação ao que iríamos encontrar. As instruções iriam permitir-nos chegar à Estação de Investigação Hanson. Iríamos participar, na época de 2013,

É NOSSA CONVICÇÃO PROFUNDA QUE A VERDADEIRA CIÊNCIA ORIENTA O SER HUMANO PARA DEUS. AO LONGO DESTA SÉRIE DE ARTIGOS, PRETENDEMOS FORNECER ELEMENTOS QUE PERMITAM DEMONSTRAR AS BASES PARA ESTA CONVICÇÃO. CADA MÊS VAMOS EXPLORAR UMA DESCOBERTA OU UM AVANÇO CIENTÍFICO E VERIFICAR O QUE ESTES PODEM SIGNIFICAR PARA A NOSSA FÉ.

na exploração paleontológica que ocorre nesse local. Há cerca de dez anos, todos os meses de junho, nesta Estação situada no Estado de Wyoming, nos Estados Unidos, avança-se nas explorações paleontológicas de uma “Camada de Ossos” de Dinossauros (em Inglês “Bone Bed”).

O Estado de Wyoming é o Estado menos populoso dos Esta-



dos Unidos, com apenas cerca de 500 000 habitantes, e é o segundo Estado menos densamente povoado de entre os 50 Estados que compõem este país. É habitual dizer-se humoristicamente que no Wyoming existem mais cabeças de gado do que população humana. Descobrimos que este é mais do que um mero comentário humorístico. Realmente, existem cerca de três cabeças de gado para cada habitante nesta região e isso é evidente para o visitante.

### **Longas viagens**

A Estação de Investigação Hanson fica de facto numa região remota dos Estados Unidos. Para lá chegarmos, a partir do nosso ponto de partida na cidade de São Paulo, precisámos de apanhar dois aviões para chegar, primeiro, à cidade de Rapid City, no Estado do Dakota do Sul, seguindo, depois, de carro, durante quatro horas de viagem, para chegarmos

ao nosso destino. Mas esta é uma viagem bem mais confortável do que a empreendida pelos alunos e professores da *Southwestern Adventist University*, que todos os anos cobrem cerca de 2000 quilómetros, em vinte e quatro horas, deslocando-se de carro da Universidade, no Texas, até à Estação de Investigação. Os últimos quilómetros são feitos no meio de campos e, claro, rodeados de muito gado, que, por vezes, precisamos de afugentar da estrada. São necessárias paragens frequentes, para abrir e, depois, fechar as cancelas que permitem controlar o deslocamento do gado na região.

Finalmente, após uma longa viagem, avistámos a pequena casa de apoio e as tendas dos exploradores.

### **A escavação começa**

Este projeto, desenvolvido pela *Southwestern Adventist University* – uma Universidade Adventista no Texas –, é liderado pelo Professor

Art Chadwick. O projeto tem-se distinguido no mundo científico, pelo seu pioneirismo na utilização de técnicas de mapeamento com base em GPS (Sistema de Posicionamento por Satélite) e pelas descobertas que tem proporcionado. Com este sistema, cada osso, cada tendão, cada vestígio encontrado é mapeado e catalogado com precisão. Desta forma, é possível, *a posteriori*, reconstituir o local exato em que cada elemento foi encontrado, de modo a fornecer pistas que permitam interpretar os achados.

### **O processo**

O processo de preparação para escavar é muito simples. Devemos assistir a um pequeno vídeo, que alerta para a importância de escavar com muito cuidado, de maneira a não danificar os fósseis. O vídeo explica também o procedimento a seguir a partir do momento que se encontra algo de

interesse. Deve-se continuar a escavar e a limpar toda a superfície com muito cuidado. Quando o fóssil está visível, deve obter-se um cartão que vai dar a identificação do achado para registo na base de dados e para referência futura. Trata-se de um cartão com um código no formato *HRS xxxx*. Na figura temos



uma vértebra, que escavámos nós mesmos, junto do cartão que a identifica como *HRS14941*. *HRS* são as iniciais da Estação de Investigação, do Inglês “*Hanson Research Station*”. O número é simplesmente o número de ordem do achado. Ou seja, antes do osso que nós escavámos, já foram encontrados 14 940 fósseis dignos de inclusão na Base de Dados e de preservação no museu da Universidade. Em seguida, chama-se a equipa móvel do GPS, para registar com detalhe as coordenadas do que foi encontrado.



Esta equipa tem o aparelho de GPS montado numa espécie de bastão. Um dos extremos encosta-se aos vários pontos que correspondem aos limites tridimensionais do achado. No outro extremo tem um aparelho de GPS, que regista com precisão as coordenadas dos pontos medidos.

Este aparelho está, por sua vez, integrado numa rede com um conjunto de antenas fixas posicionadas num local estratégico, que permitem que a precisão da localização seja milimétrica. A partir deste momento, o achado



está catalogado.

Passa-se então à identificação: A que animal pertencerá este osso? E, em particular, que osso desse animal estamos a observar? Aqui entra o grande contributo dos especialistas da Universidade, que ajudam na identificação do achado.

No caso desta jazida, a esmagadora maioria dos ani-

mais encontrados são dinossauros da espécie *Edmontosaurus*. Quando achamos um osso bifurcado, como o da imagem, como podemos saber onde ele pertence? Se observarem a figura do esqueleto, vão



ver que este tipo de ossos é muito frequente num esqueleto de um dinossauro. Se considerarmos os outros ossos encontrados, como as vértebras, os fêmures, etc., começamos a ficar com uma noção de que animais completos estão enterrados sob os nossos pés.

Finalmente, os ossos são empacotados e guardados cuidadosamente para serem armazenados na cave da *Southwestern Adventist University*, no Texas, onde podem ser estudados para se aprofundar o conhecimento científico. Os fósseis encontrados são catalogados e divulgados num museu *online* que pode ser encontrado em <http://fossil.swau.edu/>.

À data em que vos escrevo (novembro de 2014), ainda não estão disponíveis na Base de



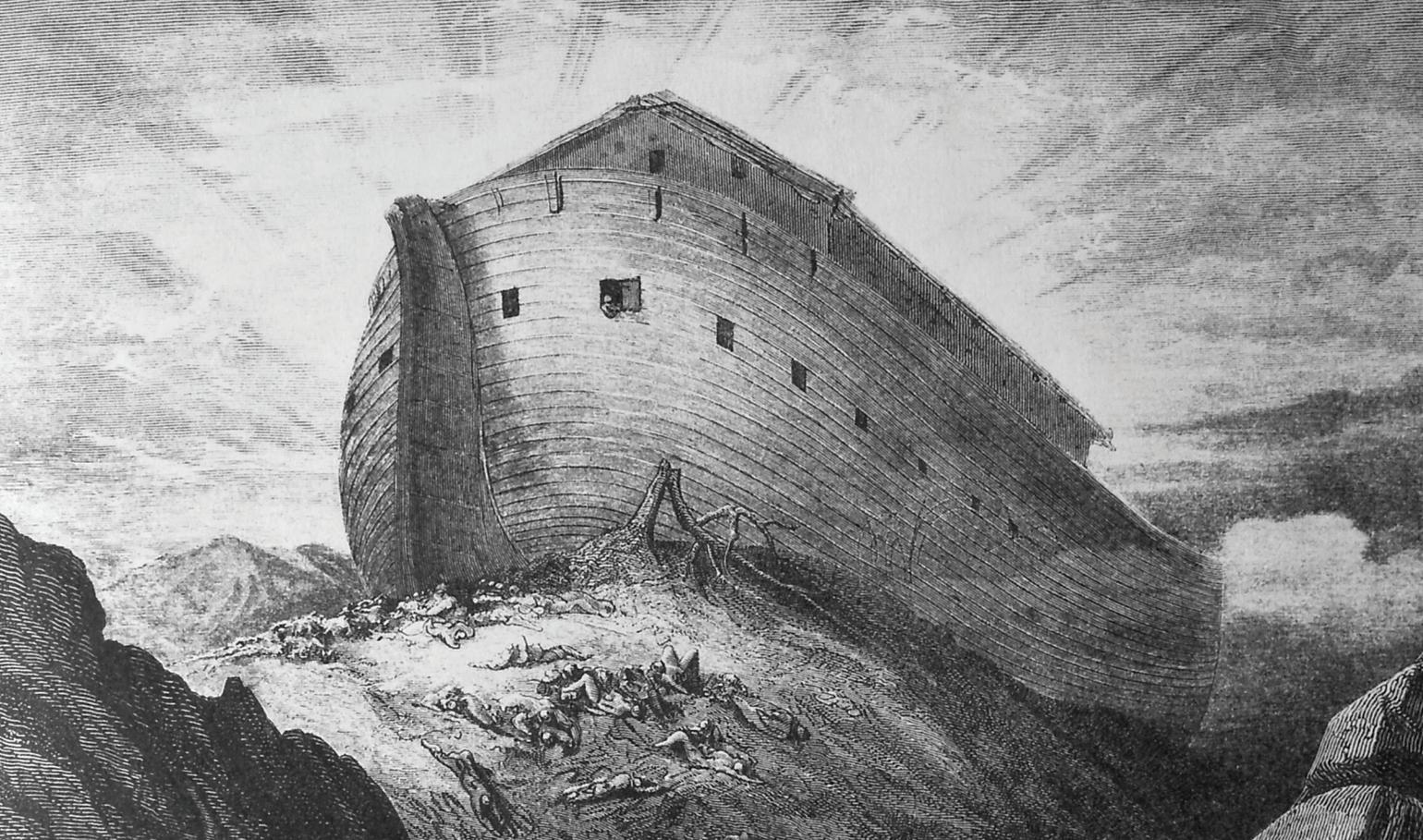
Dados os registos dos ossos encontrados por nós. O catálogo está com cerca de dois anos de desfasamento entre a descoberta e a introdução do osso na Base de Dados. Mas, se tivermos um pouco de paciência, teremos as

nossas descobertas disponíveis em breve. Procurem pelos registos *HRS14929* e *HRS14941* e poderão ver ciência a ser feita à vossa frente.

### As descobertas

Após cerca de dez anos de trabalho, foram escavados apenas 500 metros quadrados, em dez jazidas, de um total de cerca de 250 000 metros quadrados com interesse científico. A partir desta amostra, estima-se que nesta camada estão preservados os restos de cerca de 10 000 animais. Quase todos são dinossauros da espécie *Edmontosaurus*, mas também se encontram tartarugas, crocodilos e outros pequenos animais. Com base nos dados do GPS, podem fazer-se reconstituições como as da figura. É surpreendente como tantos ossos aparecem espalhados e misturados desta forma. Como é possível isto ter acontecido? Qual o fenómeno que provoca tal padrão





de distribuição de ossos de tantos animais?

### **Conclusão**

O projeto da Estação de Investigação Hanson é um projeto científico, orientado por critérios rigorosos e objetivos. Mas isso não impede que nos perguntemos quanto ao significado das descobertas que têm sido feitas naquele local.

Depois de alguns dias ou, até mesmo, de algumas horas escavando nesta jazida, é impossível não acreditar na existência destes animais. Os seus fósseis estão por todo o lado e até para um leigo é possível concluir que são ossos de animais muito grandes. Trata-se de uma camada de ossos extremamente rica: Mais de 10 000 animais numa área relativamente pequena. Porquê esta concentração? Como se deu ela?

A razão para tal aglomeração é ainda um mistério científico. De uma perspetiva evolucionista, várias explicações foram avançadas,

como, por exemplo, a existência no local de um rio com fluxo muito variável, que, em vários momentos, arrastava os animais que iam beber nas suas margens. Mas como explicar tantos animais numa área tão pequena? Esta explicação não me convence. Por outro lado, porque estão tão desmembrados os ossos? E porque encontramos juntos ossos de animais diferentes? As investigações continuam, mas a hipótese de um cataclismo como o Dilúvio descrito na Bíblia precisa de ser considerada seriamente face a estas evidências. É muito interessante e estimulante ver como existem cientistas e instituições ligadas à nossa Igreja a realizarem projetos de alto valor científico.

Os cientistas envolvidos começaram as suas carreiras demonstrando que algumas supostas evidências criacionistas não eram verdadeiras, como, por exemplo, pegadas de homens junto com pegadas de dinossauros. Desta

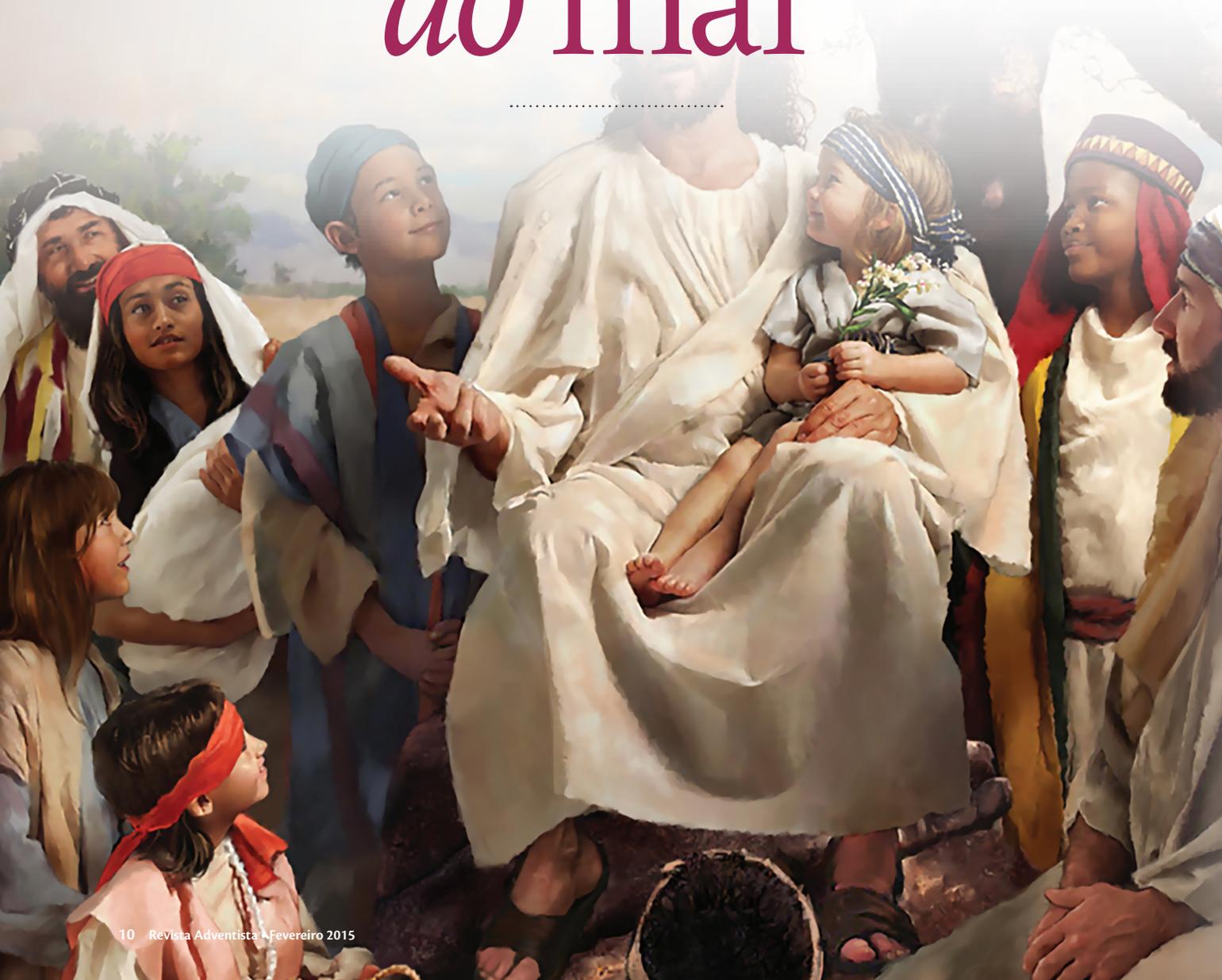
forma ganharam a antipatia de muitos dos seus colegas criacionistas, mas, ao mesmo tempo, estabeleceram a primazia da verdade sobre outras considerações. Ninguém é perfeito e os cientistas envolvidos não o são com certeza, mas o seu compromisso para com a busca da verdade é o mais importante e permitiu chegar a onde estamos: Pesquisas científicas reconhecidas e que nos apresentam evidências que testemunham de um passado consistente com a revelação bíblica.

Vejam o sítio e o museu *online* e, quem sabe, algum dia poderão juntar-se, nem que seja por uns dias, a esta aventura da busca pela verdade. ♣

### **• Miguel Mateus**

*Engenheiro em Eletrotécnica –  
Telecomunicações e Eletrónica  
Mestre em Investigação  
Operacional MBA – Master in  
Business and Administration*

# A resistência não violenta *ao mal*



**O** Dr. Arun Gandhi, neto de Mahatma Gandhi, o libertador da Índia, tinha então os seus dezasseis anos. Ele habitava com os pais no instituto que o seu avô tinha fundado, situado a 27 quilómetros da cidade de Durban, na África do Sul. Eles habitavam no interior do país e não tinham vizinhos. Assim, ele estava sempre pronto para ir à cidade, de modo a visitar os seus amigos ou ir ao cinema.

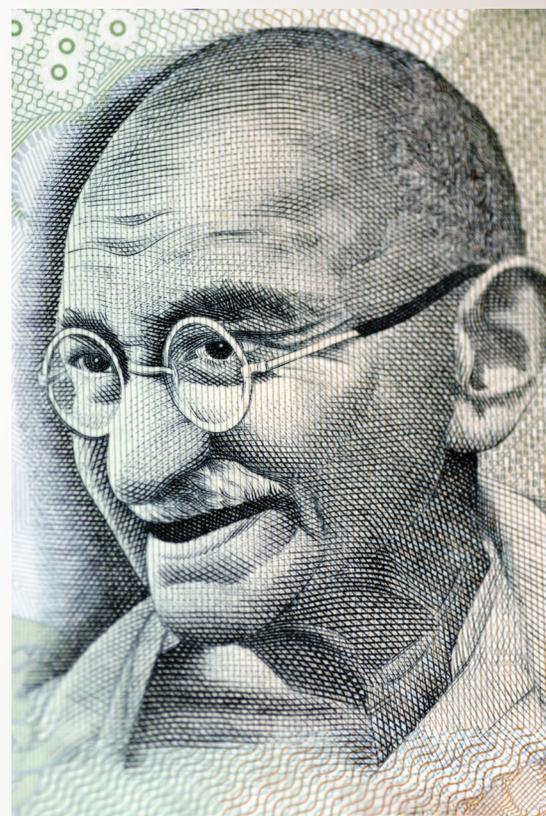
Um dia, o seu pai pediu-lhe que o levasse de carro à cidade para assistir a uma conferência que se prolongaria durante todo o dia. Dado que eles permaneceriam na cidade durante todo esse tempo, o pai do Dr. Arun Gandhi pediu-lhe que levasse o carro à oficina. Quando eles chegaram a Durban, o seu pai disse-lhe: “Encontrar-nos-emos aqui às cinco horas da tarde e regressaremos juntos a casa.” Depois de levar o carro à oficina, Arun decidiu ir ao cinema. Ele estava de tal modo concentrado no filme que se esqueceu da hora do encontro marcado com o seu pai. Eram já cinco horas e meia quando ele se lembrou de que o seu pai estava à sua espera. Foi à oficina, pegou no carro e partiu a toda a velocidade para se encontrar com o pai. Quando chegou ao local de encontro eram já seis horas. O pai perguntou-lhe, angustiado: “Porque razão chegaste atrasado?” Arun estava envergonhado e não quis dizer ao pai que tinha chegado atrasado porque tinha ido ao cinema. Então, disse ao pai que o carro não estava pronto e que tinha sido obrigado a esperar o fim da reparação. Mas Arun não sabia que o seu pai já tinha telefonado para a oficina. Quando o pai se deu conta de que Arun mentia, disse-lhe: “Há alguma coisa que não está a dar certo na educação que te dei, pois não tens confiança em

mim para me contares a verdade. Vou refletir para descobrir em que é que eu falhei na tua educação. Vou caminhar os 27 quilómetros até casa para ter tempo para pensar neste problema.” Assim, vestido com o seu fato mais elegante e com os seus melhores sapatos, o pai de Arun começou a caminhar pela estrada poeirenta sem iluminação em direção a casa. Arun não podia deixá-lo só. Portanto, decidiu conduzir o carro em primeira, seguindo o seu pai durante seis horas. Desta forma, ele testemunhou o sofrimento do seu pai por causa da mentira medíocre que tinha inventado. Esta experiência foi de mais para Arun. Nesse momento ele decidiu que jamais voltaria a mentir.

O Dr. Arun Gandhi indica as consequências decisivas desta experiência vivida com o seu pai: “Se o meu pai me tivesse punido de forma violenta, será que eu teria aprendido a lição? Não o creio... Mas esta ação não violenta foi tão forte que eu a gravei na minha memória e ela tem-me impedido de mentir até ao dia de hoje. Este é, verdadeiramente, o poder da não-violência.”

Esta experiência do Dr. Arun Gandhi ilustra bem a aplicação do princípio da resistência não violenta ao mal preconizado por Jesus no Seu Sermão da Montanha. Assim, neste artigo, nós vamos interpretar os versículos 38 a 41 do quinto capítulo do Evangelho de Mateus, onde Cristo expõe a sua doutrina da resistência não violenta. Neste texto, Jesus apresenta em contraste dois padrões diferentes de conduta no que toca à retaliação. O primeiro padrão é baseado no princípio de justiça retributiva estrita presente na Lei de Moisés. O segundo padrão é fundado no princípio da resposta não violenta ao mal proposto por Jesus. O contraste entre

estes dois padrões de conduta é apresentado por Jesus sob a forma de uma antítese. Esta antítese apresenta o seguinte formato: (1) O princípio expresso pela Lei de Moisés; (2) o princípio antitético apresentado por Jesus; e (3) três ilustrações destinadas a explicitar a aplicação do princípio proposto por Jesus. Portanto, neste artigo procederemos à análise detalhada dos três versículos que compõem o texto em consideração, tendo em vista apreender o sentido da posição de Jesus quanto ao direito de retaliação.



### **A tese dos Antigos (Mat. 5:38)**

Começamos por analisar a tese dos Antigos invocada por Jesus. Cristo enuncia o princípio do *Jus talionis* (a lei de talião), estabelecido pela Lei de Moisés (Êxo. 21:23-25; Lev. 24:19 e 20; Deut. 19:21). Este princípio tinha como função jurídica a afirmação da igualdade

das pessoas diante da lei e o estabelecimento de uma proporção adequada entre o crime e a punição judicial. Enunciando o *Jus talionis*, a Lei de Moisés ilustrava simplesmente o princípio judicial da adequação da pena à falta cometida. Portanto, este era um princípio legal restritivo, destinado a limitar o desejo de vingança pessoal, ao fixar uma equivalência exata para cada prejuízo sofrido. A retaliação não devia ultrapassar o prejuízo resultante da ofensa sofrida e devia ser aplicada pelas autoridades judiciais, e não pelo ofendido ou pelos seus parentes. Portanto, o princípio do *Jus talionis* era uma reação societal positiva ao regime anárquico da vingança pessoal ou clânica que vigorava nas sociedades mais primitivas (cf. Gên. 4:15, 23 e 24), instaurando o império racional da legalidade na base do sistema legal de Israel. No tempo de Jesus, a aplicação judicial do princípio de *Jus talionis* não era literal, pois era realizada pelo pagamento, por parte do ofensor, de uma compensação financeira proporcional ao prejuízo físico sofrido pelo ofendido (*Talmud de Babilônia*, Baba Qamma 83b-84a). A própria Lei mosaica previa uma simples indenização monetária como sanção para diversos casos de ofensas a terceiros (Êxo. 21:18-27).

Na verdade, a Lei mosaica condenava explicitamente a vingança pessoal (Lev. 19:18), sendo seguida pela literatura sapiencial canônica (Prov. 20:22; 24:29). Algumas correntes do Judaísmo seguiam este princípio, rejeitando a vingança entre Israelitas. Assim, o Siracida exorta ao abandono da vingança como manifestação de sabedoria (Sir. 27:30-28:7) e a *Regra da Comunidade de Qumran* recomenda aos seus membros que abandonem a retaliação (1QS X,

17ss). No entanto, como demonstra o *Talmud de Babilônia*, entre os escribas e os fariseus existia a percepção de que os homens deviam, no seu trato com os outros, insistir nos seus plenos direitos, nomeadamente, na retaliação legal sempre que prejudicados por um terceiro. Portanto, eles insistiam na aplicação do princípio de talião, mesmo sob forma mitigada. Ora, devemos admitir que, mesmo que aplicado de maneira controlada pelo poder judicial, o princípio do *Jus talionis* exprime, ainda assim, no sujeito que exige a sua aplicação, um desejo de vingança e um anseio de retribuição. É contra este desejo de vingança que Jesus dirige a sua antítese.

#### **A antítese de Jesus (Mat. 5:39a)**

Jesus afirma na sua antítese: “Não resistais ao mal.” Nesta antítese, Jesus coloca radicalmente em causa o princípio moral que é subjacente ao princípio do *Jus talionis*, a saber: A permissão de devolver “golpe por golpe” como retribuição legítima. Ele recusa a existência de um direito de retaliação. Assim, substitui este princípio pela exigência moral de não se buscar qualquer tipo de vingança ou retaliação, mesmo pela via legal dos tribunais. De facto, o recurso à lei para proteção contra uma ofensa não é senão uma tentativa de retaliar pelo emprego do sistema judicial. Esta rejeição da vingança como resposta à ofensa do “homem mau” parece ser inspirada pelo preceito de Provérbios 25:21 e 22, que anima o crente a responder à inimizade do inimigo com ações benévolas de compaixão destinadas a modificar a sua atitude hostil e a pôr fim à inimizade que abriga no seu coração.

Jesus vai ilustrar o preceito da Sua antítese propondo-nos três casos de resposta não violenta ao mal

pela prática do bem. Deste modo, Ele vai mostrar que os Seus discípulos, quando lesados por alguém, não só não devem responder ao mal com o mal (o que daria apenas lugar à sua implicação direta com o mal), mas que eles devem também triunfar sobre o mal com o bem. O discípulo deve evitar a cólera e a vingança, que mancharia a sua consciência, procurando ganhar o seu ofensor pela benevolência, pela mansidão e pela preservação do respeito próprio. O apóstolo Paulo compreendeu bem este novo princípio de ação moral proposto por Jesus – vencer o mal com o bem – e exortou os Cristãos à sua aplicação (Rom. 12:19-21; I Tes. 5:15). Pedro exortou igualmente os discípulos de Cristo a não responderem ao mal com o mal, mas a perseverarem no bem (I Pedro 3:9). Depois de anunciar o princípio geral, Jesus apresenta três aplicações práticas que o ilustram.

#### **O primeiro caso de resposta não violenta (Mat. 5:39b)**

O primeiro exemplo de resposta não violenta para solucionar uma disputa, que ilustra o princípio de não retaliação enunciado por Jesus, é o caso do discípulo que é agredido na sua face direita por um adversário. O facto de Jesus mencionar a face direita tem um significado preciso. De facto, ser agredido na face direita pela mão direita do adversário significa que este dá o golpe no rosto com o reverso da sua mão. No Judaísmo, este tipo de golpe era considerado como especialmente insultuoso. Era punido judicialmente com uma multa particularmente pesada, que atribuía ao ofendido uma dupla indemnização de 200 moedas de prata por uma estalada e 400 moedas de prata se a estalada tivesse sido aplicada com o reverso da mão (*Mishna* – Baba Quama,

VIII, 6). Portanto, este golpe não só constituía uma agressão, como era também um insulto especialmente grave que se destinava a envergonhar o agredido.

Jesus convida o Seu discípulo assim agredido e ofendido a responder ao agressor, não por uma agressão em resposta, mas pela paradoxal apresentação da outra face. Ele parece inspirar-Se aqui no texto de Lamentações 3:30, que recomenda ao justo a apresentação da sua face àquele que o agride. Este gesto é, desde logo, um abandono do seu direito a receber a reparação judicial e a indemnização prevista por lei pela ofensa recebida e pela agressão sofrida. Ele é realizado para evitar um processo judicial e

para pôr fim à disputa. De facto, tal gesto traduz expressivamente a intenção de não retaliar pelas suas próprias mãos, nem mesmo pelo recurso ao poder judicial. Mas este gesto significa mais do que uma recusa da retaliação pelo mal sofrido ou a expressão de uma disposição a suportar uma nova agressão injuriosa sem retaliar. O ato do discípulo agredido e ofendido é, na verdade, um ato de resistência não violenta ao agressor. O discípulo procura censurar e vencer o mal através do seu ato paradoxal de oferecer a outra face. Ao apresentar a face esquerda ao agressor, ele interpela-o, ao mesmo tempo que reivindica, manifesta e preserva a sua dignidade como ser humano. O discípulo

interpela o seu agressor para que este o trate como um ser humano dotado de dignidade intrínseca. Ele diz-lhe pelo seu gesto: Se queres agredir-me, agride-me como o homem dotado de dignidade que eu sou. Não me agridas com o reverso da mão. O discípulo reivindica e manifesta assim a sua dignidade como ser humano. Ao mesmo tempo, através do ato paradoxal de não responder à primeira agressão e de se dispor a ser novamente agredido, através do ato de evidenciar a sua vulnerabilidade, ele demonstra a sua nobre coragem face ao agressor e procura despertar a consciência moral do seu adversário para a injustiça que este comete ao recorrer à agressão. Desta forma, o discípu-





lo agredido e insultado retira ao agressor o poder de ofender ou de atemorizar, ao mesmo tempo que desarma a agressividade do oponente ao exibir a sua corajosa e digna vulnerabilidade. Assim, ele faz corajosamente face ao agressor de forma não violenta.

### **O segundo caso de resposta não violenta (Mat. 5:40)**

O segundo exemplo de resposta não violenta para solucionar uma disputa, que ilustra o princípio de não retaliação enunciado por Jesus, é o caso do discípulo que é

despojado da sua túnica por um adversário que intenta contra ele um processo judicial, possivelmente por dívida. A túnica (χιτών – *chitôn*) era a peça fundamental do vestuário palestino no tempo de Jesus. Ela era uma espécie de grande camiseiro comprido, com mangas longas, em linho, e vestido sobre a pele. Jesus convida o Seu discípulo a responder ao ato injusto do Seu adversário, deixando-lhe voluntariamente não só a túnica, como também a sua capa, em vez de ir a tribunal defender agressivamente o seu direito e contestar

juridicamente a exigência do seu adversário. A capa (ιματίον – *imation*) era a veste mais valiosa, que se usava sobre a túnica e servia também de cobertura noturna ao judeu pobre. Por isso, a Lei de Moisés estipulava que caso a capa fosse tomada como penhor por uma dívida, devia ser restituída ao seu dono antes do pôr do Sol (Êxo. 22:26 e 27; Deut. 24:12 e 13). A Lei não previa a tomada da túnica como penhor. Ora, o adversário do discípulo de Jesus intenta tirar-lhe, através de um processo judicial, a veste principal, indo mais longe do que permitia a Lei, que limitava a tomada de penhor à capa. Portanto, Jesus supõe que o adversário pretende realizar uma injustiça a coberto da legalidade de um julgamento.

Jesus sustenta que, neste caso, o discípulo deve sacrificar o seu direito e evitar ir a julgamento com o seu adversário, respondendo à exigência injusta do adversário pela entrega da túnica pretendida e ainda pela entrega suplementar do manto (cuja posse era protegida pela lei do penhor acima citada). Ao entregar o seu manto, o discípulo de Jesus não só entrega ao adversário a sua vestimenta mais preciosa, mas acaba por entregar tudo o que possui para se cobrir. Este gesto exprime a sua intenção de não responder à extorsão pela retaliação ou pelo recurso à justiça e demonstra uma disposição para suportar a injustiça sem responder. Na verdade, este ato do discípulo injustiçado é um ato de resistência não violenta ao adversário. Ele censura e vence o mal que lhe é feito através do seu ato de despojamento. Ao deixar voluntariamente ao adversário não só a túnica exigida, mas ainda o manto, o discípulo interpela o seu adversário, ao mesmo tempo que manifesta e preserva

a sua dignidade intrínseca como ser humano. Ele diz-lhe, pela sua ação: Tu queres despojar-me injustamente dos meus bens pela força, mas não podes, porque eu cedo-te todos eles de livre vontade. Ao mesmo tempo, através do ato extremo de ceder até aquilo de mais valor que não era reivindicado pelo adversário, através do ato de extrema generosidade, o discípulo mostra a sua liberalidade face ao adversário e procura despertar a sua consciência moral para a injustiça que ele comete ao recorrer à extorsão. Desta forma, o discípulo espoliado retira ao adversário o poder e a satisfação de o prejudicar ou espoliar, ao mesmo tempo que desarma a cupidez do oponente ao exibir a sua extraordinária liberalidade. Assim, ele faz face ao seu espoliador de modo sereno e não violento.

### **O terceiro caso de resposta não violenta (Mat. 5:41)**

O terceiro exemplo de resposta não violenta para solucionar uma disputa, que ilustra o princípio de não retaliação enunciado por Jesus, é o caso do discípulo que é forçado por alguém de autoridade a marchar uma milha. O verbo grego utilizado por Jesus (αγγαρεύειν – *angareuein*) é derivado de αγγαρος (*angaros*), o correio persa, e foi tomado da língua persa pelo aramaico e pelo grego. Αγγαρεύειν é um termo técnico que significa “requisitar uma pessoa para que ela realize um serviço público”. Este sistema de requisição por uma autoridade pública originou-se no império persa, onde os mensageiros do Estado ao serviço do Correio Real (cf. Ester 8:10) tinham o direito de requisitar aos cidadãos, no decurso da sua missão, um serviço ou uma propriedade para uso nessa missão (cf. Heródoto,

*Histórias VIII*, 98). O império romano adotou este procedimento no âmbito da ação do seu exército. Assim, um oficial ou um soldado tinham o direito de requisitar o serviço forçado de um civil. Este podia ser compelido a carregar a bagagem de um soldado numa marcha forçada, por exemplo (cf. Flávio Josefo, *Antiguidades Judaicas XIII*, 52). O caso de Simão de Cirene, que foi forçado a carregar a cruz pelos soldados encarregados da crucificação de Jesus (Mat. 27:32; Marcos 15:21), é um exemplo clássico desta prática do serviço forçado. Os Judeus nacionalistas opunham-se totalmente a tais constrangimentos. A milha romana (μῖλον / *mīlion*) de mil passos correspondia, aproximadamente, a um quilómetro e meio.

Portanto, Jesus supõe que o Seu discípulo é requisitado por um soldado ou por um funcionário do Estado para que caminhe uma milha, transportando uma carga imposta pelo agente da autoridade. Neste caso, em lugar de resistir à imposição com o coração cheio de ressentimento, o discípulo deverá fazer voluntariamente mais outra milha com aquele que o requisitou. Ele não deverá resistir, mas não deverá também sujeitar-se passivamente ao que lhe é exigido. Ele deve oferecer-se voluntariamente para fazer o dobro do que lhe foi exigido. A resposta do discípulo deve exceder em dobro a exigência que lhe é feita. Este gesto demonstra a intenção do discípulo de Jesus de não responder à requisição pela resistência e demonstra uma disposição para fazer face à injustiça sem responder pela retaliação. Na verdade, esta ação do discípulo requisitado é um ato de resistência não violenta àquele que o requisitou pela força. Ele censura e vence a injustiça que lhe é feita através

do seu ato de disponibilidade total. Ao acompanhar voluntariamente aquele que o requisitou, não apenas a milha requisitada, mas ainda mais uma milha, o discípulo de Jesus interpela o seu requisitador, ao mesmo tempo que manifesta e resguarda a sua dignidade intrínseca como ser humano. Ele diz-lhe, pelo seu ato: Tu queres forçar-me injustamente a servir-te, mas não podes, porque eu ponho-me ao teu serviço de livre vontade. Simultaneamente, através do ato extremo de caminhar o dobro do que lhe foi exigido, ao proceder de uma forma que ultrapassa o que foi reivindicado pelo seu adversário, o discípulo mostra a sua total autodeterminação e a sua plena liberdade face àquele que o requisitou e procura despertar a sua consciência moral para a injustiça que ele comete ao recorrer à requisição forçada. Deste modo, o discípulo requisitado retira ao adversário o poder e a satisfação de o prejudicar ou de forçar a sua liberdade de escolha, ao mesmo tempo que desarma a arbitrariedade do oponente ao exibir a sua extraordinária disposição em servir. Assim, ele faz face ao seu requisitador de forma serena e não violenta.

### **O sentido global da quarta antítese**

Agora, podemos questionar-nos: “O que aprendemos nós com a nossa análise do texto de Mateus 5:38-41?” Aprendemos que, nesta quarta antítese do Sermão da Montanha, Jesus continua a Sua exposição da nova ética do Reino dos Céus, destinada àqueles que querem tornar-se cidadãos deste novo Reino. No quadro desta nova ética, o discípulo de Jesus deve rejeitar o princípio da retaliação pelas ofensas recebidas e procurar vencer o mal com o bem. Nesta



medida, ele resiste ao mal de uma forma não violenta. O discípulo deve reagir à hostilidade do seu oponente por gestos paradoxais destinados a torná-lo consciente da sua injustiça e a desarmar assim a sua agressividade malévola. Desta forma, ele responde ao mal de forma não agressiva, ao mesmo tempo que conserva intacta a sua dignidade humana. Este é o sentido profundo desta antítese enunciada por Jesus.

Cristo aplicou este princípio na Sua vida e o Seu comportamento durante a Paixão é prova desta aplicação. Ele não resistiu ao mal com o mal (Mat. 26:52 e 53) e suportou dignamente o tratamento cruel que Lhe foi infligido sem retaliar (Mat. 26:67 e 68; I Pedro 2:21-23). Portanto, Jesus é o exemplo e o modelo da resistência não violenta ao mal. Os Seus discípulos são chamados a segui-l'O. *Nós somos chamados a segui-l'O!*

Pode o Leitor dizer: “Não é possível aplicar este princípio da não violência! Ele ultrapassa as capacidades da natureza humana!” Mas eu digo-lhe enfaticamente: “Sim! É possível!”

Para lhe mostrar que é possível, gostaria de lhe contar uma história verdadeira que ocorreu na China no fim do século XIX. Como resultado das ações missionárias da Missão do Interior da China, dirigida pelo famoso missionário Hudson Taylor, a grande maioria dos habitantes de uma pequena aldeia da província de Cantão tinha-se convertido ao Cristianismo. Esta pequena aldeia subsistia pelo cultivo do arroz. Existia uma outra aldeia vizinha que não tinha aceite o Evangelho pregado pelos missionários. As duas aldeias tinham em comum os campos irrigados onde cultivavam o arroz. Quando o primeiro dia da época do cultivo do arroz chegou, os ha-

## JESUS É O EXEMPLO E O MODELO DA RESISTÊNCIA NÃO VIOLENTA AO MAL. OS SEUS DISCÍPULOS SÃO CHAMADOS A SEGUI-L'O. NÓS SOMOS CHAMADOS A SEGUI-L'O!

bitantes da aldeia cristã começaram a encher o arrozal de água. Faz-se noite. Ora, durante a noite, os habitantes da aldeia não convertida vieram furtivamente ao arrozal e desviaram a água que tinha sido colocada nos campos da aldeia cristã. Assim, eles encheram os seus próprios campos com a água dos seus vizinhos cristãos. No dia seguinte, os Chineses cristãos repararam que os seus campos não tinham água. Eles recomeçaram o trabalho de enchimento do arrozal. Cai a noite. Durante a madrugada, os Chineses não convertidos vêm de novo e desviam a água dos campos dos vizinhos cristãos para encherem os seus próprios campos. Na manhã seguinte, os Cristãos repararam de novo que a água dos campos tinha sido desviada pelos vizinhos. Assim, eles reuniram-se para decidirem como reagir à provocação da aldeia vizinha. Após algumas deliberações, eles decidiram responder imediatamente à provocação dos vizinhos. Toda a população da aldeia cristã se reuniu para esse efeito. Os Cristãos começaram por en-

cher completamente os campos de arroz da aldeia vizinha. Depois, eles acabaram por encher de água os seus campos de arroz. Esta ação paradoxal espantou os habitantes da aldeia não convertida. Vinda a noite, estes reuniram-se todos para decidirem como responder ao ato dos vizinhos cristãos. Finalmente, decidiram enviar uma delegação ao chefe da aldeia vizinha. A delegação chegou à aldeia cristã com uma única questão: “Por que razão encheram os nossos campos de água, depois de nós termos desviado a água dos vossos campos?” O chefe cristão respondeu simplesmente: “Nós seguimos os ensinamentos do nosso mestre Jesus.” O líder da delegação pagã ficou perplexo perante a resposta do chefe cristão. Ele regressou à sua aldeia e comunicou a resposta ao chefe da aldeia pagã. Toda a aldeia se reuniu de novo. Eles discutiram sobre como responder à resposta dos Cristãos. Finalmente, decidem enviar uma outra delegação à aldeia cristã no dia seguinte. Desta vez, a missão dos delegados era completamente diferente. Eles aproximaram-se do chefe cristão com uma simples questão. A questão era a seguinte: “Como podemos tornar-nos Cristãos?” Alguns meses depois, quase toda a aldeia pagã foi batizada. O princípio de resposta não violenta ao mal aplicado pelos Cristãos chineses tinha convertido o coração dos seus vizinhos pagãos.

Esta pequena história mostra claramente que todos os Cristãos podem proceder à aplicação do princípio de resistência não violenta proposto por Jesus. Não é necessário ser-se um gigante moral para o fazer. A aplicação deste princípio está ao nosso alcance. ✦

• Paulo Lima

Redator da Revista Adventista

# Deus ou nada

No seu último livro, *The Grand Design* (*O Grande Desígnio*), Stephen Hawking – provavelmente o maior cientista vivo desde Einstein –, escreveu a seguinte frase, que tem dado a volta ao meu cérebro desde que a li: “Porque há uma lei como a lei da gravidade”, escreveu Hawking, “o Universo pode criar-se e criar-se-á por si mesmo a partir do nada”.

Ora bem, a minha compreensão da matemática que está por detrás da física moderna não vai além da simples fórmula para a dilatação do tempo, tal como é predita pela teoria da relatividade especial, pelo que não irei fingir que estou a pôr em causa os conhecimentos físicos de Hawking. Mas aquela frase não é apenas física; ela é metafísica, filosofia abstrata sobre algo que apenas pode ser filosofado abstratamente, e nada mais. A sua frase começa com estas palavras: “Porque há...” O que implica a palavra “há”, senão que “há” *algo*? A primeira parte da frase, que aponta para a existência de *algo*, contradiz a última parte, que aponta para *nada*. O que “há” pode ser fugaz, impercetível, inacessível, até mesmo incompreensível, mas não é “nada”. Na verdade, Hawking diz-nos o que é aquilo que “há”. Ele diz: “Porque há uma lei como a *lei da gravidade*.” Não há dúvida de que, porque a física aqui envolvida é complicada, eu não estou a apanhar tudo. Mas o que eu estou a apanhar são dois substantivos, “lei” e “gravidade”, presentes na frase. Uma “lei” – neste

caso, uma lei da Natureza – é algo. E seguramente a gravidade pode ser uma força ténue (erga o seu braço e verá que acabou de vencer a força gravitacional de toda a Terra), mas não é nada. Não é a gravidade que mantém a Lua em órbita ao redor da Terra e a Terra em órbita ao redor do Sol? Então, como é possível que se possa argumentar que “porque há uma lei como a lei da gravidade, o Universo pode criar-se e criar-se-á por si mesmo a partir do nada”?

As pessoas estão à procura de algo, seja o que for, mesmo o nada (aquilo que, por definição, não existe), como hipótese oposta a Deus para ser a força criativa na base das nossas origens. Para alguns, o fundamento de toda a existência, Deus, é substituído por “nada”, a negação de toda a existência. “Parece impossível”, escreve Bill Bryson, “que se possa obter algo a partir de nada, mas o facto de que no passado nada havia e de que agora há um Universo é a prova evidente de que realmente se pode”. Como eu disse, isto é metafísica, não física.

No século XIX um filósofo relativamente pouco conhecido chamado Heinrich Jacobi, num contexto totalmente diferente do de Hawking (o contexto do absurdo da vida sem Deus), escreveu: “Mas o ser humano tem uma escolha, esta única escolha: O nada ou Deus.” Ele tem razão. Se olharmos para trás, até à Criação, ou se olharmos para a frente, para a Eternidade, apenas há ou Deus ou o nada. Ainda que os cosmólogos

consigam chegar ao nível mais fundamental do passado, algo teve que preceder esse nível de modo a criá-lo, de modo a dar-lhe leis, princípios e fórmulas que lhe permitiram tornar-se no Universo que hoje conhecemos. E o que existiu antes disso também necessita de algo anterior para explicar como ele surgiu; e assim por diante, num recuo infinito. Assim, as únicas opções são: ou um Deus eterno criou o Universo; ou foi o “nada” que o criou, porque o “nada” – ao contrário de tudo o resto (exceto um Deus eterno) – não necessita de explicação.

Entretanto, se olharmos para o futuro, para a Eternidade, e se não há Deus, se toda a vida, toda a consciência, toda a existência humana termina numa morte eterna, o que nos espera, senão o nada?

Tendo perdido a fé em Deus e tendo-se imerso na filosofia do Niilismo, Mitchel Heisman, de 35 anos, suicidou-se em setembro de 2010 diante de uma igreja em Harvard Yard. Mas não sem antes ter escrito uma nota de suicídio com 1905 páginas, na qual ele explicava onde o seu niilismo o tinha levado. “Toda a palavra, todo o pensamento e toda a emoção”, escreveu ele, “reduzem-se a um problema central: a vida não tem sentido. A experiência do niilismo consiste em descobrir e expor toda a ilusão e todo o mito, seja a onde for que isso nos conduza, não importa o preço a pagar, mesmo que isso nos mate”.

Já agora, “Niilismo” vem da palavra latina *nihil*, que significa – já adivinhou! – “nada”.

Heisman, Jacobi, Hawking. Eles têm razão. Ou Deus ou nada. ✦

• **Clifford Goldstein**  
Editor do Manual da  
Escola Sabatina



## OS TRINTA ANOS DE MILAGRES DA 3ABN

AR/RA

Há trinta anos, Danny Shelton, um carpinteiro Adventista frustrado com os falsos ensinamentos popularizados nos programas televisivos evangélicos, orou para que Deus o ajudasse a fundar uma estação de televisão Adventista. À medida que orava, ele sentiu que Deus o chamava para fundar uma estação televisiva que proclamasse ao mundo a mensagem dos três anjos de Apocalipse 14 e anunciasse o regresso iminente de Jesus. “Eu era a última pessoa do mundo qualificada para fundar uma estação de televisão”, disse Shelton. “Eu não tinha qualquer formação na área da comunicação, não tinha dinheiro e não tinha amigos influentes. Mas eu disse ao Senhor que seria o Seu parceiro nessa aventura e que avançaria pela fé, se Ele provesse o que fosse necessário.” Segundo Shelton, Deus respondeu miraculosamente a todos os desafios, pelo que a *Three Angels Broadcasting Network* (3ABN) celebrou em 15 de novembro o seu 30º aniversário. Desde o seu modesto começo em 1984, a 3ABN desenvolveu-se a ponto de emitir 24 horas por dia através de uma rede de satélite de televisão e rádio que circun-

da o Globo. Mas esta estação não teve um começo comum. Poucas semanas após Shelton ter prometido que faria uma parceria com Deus para fundar a Estação, um pastor carismático entregou para o projeto equipamento televisivo no valor de 100 000 dólares. Um engenheiro batista partilhou com Shelton a sua investigação, ao indicar uma área próxima que estava livre de interferência de micro-ondas, o que permitia a instalação de uma ligação ao satélite. Uma senhora idosa da Primeira Igreja Cristã doou um terreno de quatro hectares localizado no lugar exato que o engenheiro tinha indicado, local esse que se revelou mais tarde como o único na área livre de sinais de micro-ondas. Assim, a partir daquele local podia ser emitido um sinal para qualquer satélite no Espaço. Misteriosamente, um cabo elétrico trifásico capaz de fornecer a eletricidade necessária para se operar uma estação de televisão tinha sido colocado naquela área, onde apenas havia algumas fazendas ao longo de uma estrada de terra. A companhia de eletricidade não conseguiu explicar por que razão esta instalação onerosa tinha sido feita já há décadas. Entretanto, espalhou-se a notícia de que havia uma televisão

Adventista em construção e começaram a chegar pequenas doações. Crendo que Deus queria que ele usasse os fundos à medida que estes fossem chegando, Shelton alugou o equipamento necessário para fazer uma estrada ao longo do terreno até ao local de construção, tendo dinheiro para pagar apenas dez litros de gasóleo de cada vez que trabalhava com a máquina. O primeiro grande teste à sua fé veio quando ele, com a conta bancária vazia, soube que tinha de pagar, no dia da entrega, 6000 dólares por uma encomenda de gralhinha para a estrada construída na propriedade. No dia da entrega da gralhinha chegaram duas doações não solicitadas que cobriam exatamente o custo da mercadoria. Depois disto, com 200 dólares no banco, Shelton começou a construir um centro de produção televisivo com os seus três irmãos. Um casal reformado do Tennessee doou 50 000 dólares para que se completasse o edifício da estação. Para esse efeito tiveram de hipotecar a sua casa. Seis meses mais tarde, o casal já tinha reunido dinheiro suficiente para pagar a hipoteca. Depois, apenas com 10 000 dólares na conta e sem letras de crédito, Shelton encomendou o sistema de transmissão e a parabólica,

no valor de 350 000 dólares. Deus proveu o dinheiro necessário mesmo a tempo de se fazerem os quatro pagamentos devidos antes da data de instalação do equipamento. Quando a 3ABN começou a transmitir, Shelton prometeu a Deus que não só iria criar programação original, mas iria também divulgar outros ministérios Adventistas, ajudando-os a reunir fundos para as suas atividades. Ao longo da sua história, a 3ABN tem cooperado amplamente com a Igreja Adventista do Sétimo Dia, transmitindo grandes campanhas evangelísticas e eventos da Conferência Geral. Os milagres têm continuado ao longo dos anos. A estação de rádio 3ABN foi inaugurada em 1999, sendo seguida pela estação 3ABN Latina em 2003 e a estação urbana 3ABN *Dare to Dream* em 2011. Hoje, a 3ABN tem centros de produção que operam nos Estados Unidos, na Rússia e na Austrália. Ao longo dos anos, milhares de cartas e de telefonemas têm inundado a estação, revelando as histórias de pessoas que se tornaram membros da nossa Igreja ou que regressaram à Igreja após longos anos de ausência. “Deus fez deste ministério um sucesso, apesar de todas as nossas falhas”, conclui Danny Shelton. ✎

## A ADRA COMBATE O ÉBOLA COM INFORMAÇÃO E ENTREGA DE ALIMENTOS

AR/RA

A ADRA informou que está a fazer tudo o que é possível para deter a disseminação do vírus Ébola na África

Ocidental, informando milhares de pessoas sobre como impedir que o vírus se espalhe e entregando comida a dezenas de milhares de pessoas em necessidade. A ADRA, que começou a enviar equipa-

mento médico para a África Ocidental quando se iniciou a epidemia em agosto, está também a trabalhar com um hospital na Serra Leoa para melhorar o seu combate ao vírus. “A ADRA está no terre-

no na Serra Leoa e na Libéria para fazer tudo o que é possível para salvar vidas e impedir que surjam mais casos de Ébola”, disse Bert Smit, chefe da ADRA no Reino Unido. O número de novos casos de

Ébola tem abrandado, depois de um aumento no surto em setembro e outubro que alarmou a comunidade internacional. Estima-se que o surto de Ébola infetou cerca de 14 000 pessoas na África Ocidental e causou 5160 mortos, incluindo 16 Adventistas. Segundo Smit, a luta contra o vírus ainda não chegou ao fim e informar as pessoas é o melhor modo para impedir

que a doença se espalhe. “Pode parecer simplista, mas podemos salvar milhares de vidas ao esclarecermos as pessoas sobre o modo de transmissão do vírus, ao inculcarmos a importância da higiene e ao treinarmos as comunidades locais para cooperarem no combate à epidemia”, disse Smit. A ADRA associou-se a seis instalações hospitalares que cobrem uma população

estimada em 50 000 pessoas. A ADRA está também a entregar comida a mais de 130 000 pessoas na Libéria, onde muitos dos quatro milhões de habitantes que residem nas cidades estão a passar fome, pois evitam deslocar-se aos mercados para adquirir alimentos com receio de serem contaminados pelo vírus. “O nosso pessoal devidamente protegido está a levar

comida a homens, mulheres e mesmo crianças órfãs que estão de quarentena ou estão isoladas devido ao vírus”, disse Smit. Na Serra Leoa a ADRA está a trabalhar com o Hospital de Leprosos de Masinga, em Tonkolili, para melhorar a sua resposta ao Ébola, fornecendo água potável, um sistema elétrico solar e materiais médicos para assistência aos doentes. ✦

## INAUGURADO O PRIMEIRO CENTRO MÉDICO NA ROMÉNIA

AR/RA

Foi inaugurado o primeiro centro médico Adventista na Roménia. Orçamentado em 800 000 euros, o centro médico *Premed* está localizado em Bucareste, capital do país. Ele oferece uma ampla gama de serviços de saúde, que vão da medicina geral e familiar

até à odontologia, psicologia e medicina preventiva. O novo centro médico teve a sua origem a partir de uma pequena clínica operada no mesmo edifício por uma equipa de médicos-missionários Americanos desde o início da década de 1990. O edifício situava-se numa zona habitada por muitos Adventistas, mas onde não existia uma igreja Adventista.

Em 2009, os Adventistas arrendaram uma sala no referido edifício e começaram a orar para que a Igreja Adventista do Sétimo Dia pudesse adquirir o prédio e instalar nele um centro médico. Foi o que veio a acontecer este ano. O centro médico focar-se-á na prevenção da doença e na promoção de um estilo de vida saudável, procurando formar a comuni-

dade em que está situado. O dinheiro investido na implantação do centro médico *Premed* proveio da Divisão Inter-Europeia, da União Romena, da Associação da Muténia, da igreja de Popatatu em Bucareste e de um doador privado. O edifício tem uma área de 2500 metros quadrados e conta com uma equipa de 15 profissionais de saúde. ✦

## O PRIMEIRO-MINISTRO DAS BAHAMAS SOLICITA CENTRO DE SAÚDE COMUNITÁRIO

AR/RA

O Primeiro-Ministro das Bahamas, Perry G. Christie, pediu à Igreja Adventista que abra um centro de saúde e bem-estar naquela nação insular das Caraíbas depois de ter ouvido um líder local da Igreja apresentar um relatório sobre a im-

plementação de centros de saúde Adventistas em todo o mundo. “Vocês têm uma história extraordinária de compromisso com as melhores práticas de saúde, pelo que nos devemos preparar para criar um centro de saúde e bem-estar nas Bahamas”, disse Christie aos líderes Adventistas em Nassau, a capital das Bahamas. O Primei-

ro-Ministro prometeu todo o apoio do seu Governo para a instalação do referido centro. Já há quatro centros de saúde comunitários dirigidos por Adventistas leigos a operar em New Providence, a ilha em que se situa a capital das Bahamas. Leonard Johnson, presidente da União das Caraíbas do Atlântico, que inclui as Bahamas, disse que

a Igreja Adventista estava a considerar o estabelecimento de um centro de evangelização pela saúde na ilha de New Providence. O apelo de Perry Christie dá mais uma razão aos líderes da Igreja para considerarem a possibilidade de se fundar um centro de saúde num país em que a Igreja não têm qualquer instituição médica. ✦

## A IGREJA ADVENTISTA NA NOVA ZELÂNDIA PRETENDE ADQUIRIR UM CANAL DE TELEVISÃO

AR/RA

A Igreja Adventista na Nova Zelândia cresceu 5,5% desde 2006 até 2013, o que não é mau, se conside-

rarmos que o Cristianismo, na sua totalidade, no mesmo período, decresceu 9,2%. No entanto, os líderes da Igreja na Nova Zelândia não estão contentes e perguntam-se: “Porque estamos a crescer a

um ritmo tão baixo?” Neal Schofield, Presidente da Rede de Meios de Comunicação Adventistas, sediada em Sidney, Austrália, tem algo a dizer sobre o problema. “Nós vivemos numa era da comu-

nicação totalmente nova. Enquanto, no passado, as pessoas costumavam frequentar eventos públicos para receber nova informação, hoje elas são quase esmagadas pela informação que entra pelos

seus lares. Perante estas mudanças radicais, os nossos métodos de evangelização permaneceram estáticos. Precisamos de mudar de tática.” Brad Kemp, Presidente da União Neozelandesa concorda. “Não podemos continuar a fazer a mesma coisa do mes-

mo modo e esperar resultados diferentes. Precisamos de algo que mude o nosso modo de operar.” Dado que a Nova Zelândia deixou de ter televisão analógica e passou a ter televisão digital, foi aberto um largo espectro de novos canais. Assim, a União Neozee-

landesa e as duas Associações locais estão a negociar a aquisição de um canal, tendo planos para começarem a emitir na primeira metade de 2015. “Este canal televisivo será transmitido gratuitamente para todo o país”, diz Kemp. O novo canal Adventista irá

usar alguns conteúdos do *Hope Channel International*, mas também produzirá conteúdos adaptados à cultura e à mentalidade dos Neozelandeses. Os líderes esperam assim conseguir alcançar um crescimento quinquenal de 20% ou superior. ✦

## PROPOSTA DE LEI NO EGITO CLASSIFICARÁ OS ADVENTISTAS COMO NÃO-CRISTÃOS

ANN/RA

Os líderes da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Egito estão preocupados com o Projeto-Lei do Estatuto Pessoal, que irá classificar a nossa Igreja como um movimento não-cristão. Caso seja aprovada, esta nova classificação terá um impacto negativo sobre a imagem da Igreja no Egito. Johnny N. Salib, secretário do Campo Egito-Sudão, explica que a presente redação do artigo 112 da nova lei civil para as

minorias religiosas colocaria a Igreja Adventista na categoria dos movimentos não-cristãos. Salib diz que o atual projeto-lei foi submetido à apreciação do governo egípcio há mais de três décadas, mas não foi adotado. Ao longo dos anos, os Adventistas têm feito várias tentativas para se reunirem com os líderes de outros grupos cristãos egípcios, de modo a explicarem que a nossa Igreja é uma denominação cristã protestante. Ainda assim, não foram tomadas quaisquer medidas para retirar a Igreja Adventista do Sétimo Dia da lista

de movimentos não-cristãos. Presentemente, a lei proposta pela minoria cristã está a ser seriamente discutida. “Fico triste porque algumas Igrejas nos consideram como um movimento não-cristão, quando o Governo nos reconhece como sendo cristãos e nos dá plena liberdade de culto”, disse Salib. Entretanto, está agendada uma reunião com o Ministério da Justiça para se discutir o assunto. Os líderes da nossa Igreja no Egito já enviaram um comunicado para as agências de notícias do país, fazendo notar que a

Igreja Adventista do Sétimo Dia existe no Egito há mais de 100 anos e que ela foi oficialmente registada por volta de 1950. Os líderes Adventistas irão tentar defender a identidade da sua denominação sem criar animosidade entre as outras denominações cristãs presentes no Egito. “Esta pode ser a oportunidade para muitos Egípcios conhecerem a verdade acerca da Igreja Adventista no Egito e para serem informados sobre a nossa contribuição espiritual e social para a vida da nossa nação”, disse Salib. ✦

## O CATÁLOGO DE OFERTAS DE NATAL DA ADRA INCLUI PRESENTES QUE MUDAM VIDAS

ANN/RA

ADRA Internacional está a dar aos doadores a oportunidade de comprarem prendas de Natal que ajudam os necessitados a obter um rendimento sustentado para alimentar a família ou para enviar os filhos para a escola. *O Catálogo das Ofertas Realmente Úteis* da ADRA apresenta 36 prendas, que incluem a instalação de uma fonte de água limpa, a prestação de serviços de saúde numa área de catástrofe ou o auxílio a órfãos. Natália Lopez-Thismon, diretora de comunicações da ADRA, sustenta que o catá-

logo é uma grande oportunidade para dadores individuais ou coletivos poderem ajudar a mudar o mundo uma vida de cada vez. O seu presente favorito incluído no catálogo é o presente nº 7: Uma vaca para uma pessoa cega. Em alguns países uma pessoa cega pode tornar-se num fardo financeiro para a sua família. Ao se ensinar o cego a cuidar de uma vaca, ele pode contribuir para o orçamento familiar, pois o leite ordenhado da vaca pode ser vendido por um bom preço. “É uma prenda que muda a vida de pessoas que têm sido marginalizadas em muitos países”, diz Lopez-Thismon. Ashley Eisele, autora do ca-

tálogo de ofertas da ADRA deste ano, faz notar que o catálogo coloca os projetos nas mãos de pessoas que querem fazer a diferença na vida de alguém. Eisele diz que os seus filhos gostam especialmente das prendas que são animais, tais como galinhas e cabras. O catálogo deste ano conta a história de vários beneficiados do ano passado. Por exemplo, a ADRA deu a Cynthia, uma menina de 9 anos, uma cabra (Prenda nº 6). Esta cabra produz leite e o leite vendido permite a Cynthia ter dinheiro para ir à escola. Muito em breve a família terá três cabras e Cynthia tem esperança de que o

rebanho continue a crescer. “Eu quero ter muitas cabras, de modo que a minha família nunca mais tenha de se preocupar com dinheiro.” Kopila, na Índia, contou que foi salva de cair nas redes do tráfico de pessoas depois de voluntários da ADRA a terem intercetado numa estação de comboios. A prenda nº 16 ajuda as meninas a escaparem às redes de tráfico de seres humanos. “Se eu não tivesse sido intercetada, a minha vida teria sido arruinada”, diz Kopila. “Graças a Deus que eu fui resgatada e estou a salvo.” Para consultar o *Catálogo das Ofertas Realmente Úteis* da ADRA aceda a [giftcatalog.ADRA.org](http://giftcatalog.ADRA.org). ✦



## CONVENÇÃO PASTORAL DE 2014

Ad7/RA

Pastores, promotores e obreiras bíblicas recarre-garam baterias na convenção pastoral com a presença especial do Professor Ganoune Diop. Durante os dias 24, 25 e 26 de novembro, o corpo pastoral da UPASD esteve reunido nas instalações do Colégio Adventista de Oliveira do Douro, para mais uma Convenção Pastoral. Cerca de 60 participantes puderam receber formação pelo Professor Ganoune Diop, Diretor-Associado do Departamento de Relações Públicas e Liberdade Religiosa da Conferência Geral e representante da Igreja Adventista nas Nações Unidas. Temas de estudo e de reflexão como “Jesus, o modelo para a missão” ou “Estabelecer contacto com as religiões dos nossos vizinhos” permitiram ao professor Diop mostrar a necessidade que cada obrei-

ro tem de experimentar no seu ministério uma grande paixão pelas pessoas e, ao mesmo tempo, testemunhar de Jesus Cristo. Os obreiros, nesta convenção pastoral, puderam lembrar e reafirmar o seu compromisso com o ministério a partir das palavras de Paulo dirigidas a Timóteo: “Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade” (II Tim. 2:15). Nenhum faltou ao chamado para servir bem o Mestre, sendo que as reações relativamente aos temas propostos foram bastante positivas. Para Eduardo Teixeira, pastor na Região Eclesiástica de Lisboa e Vale do Tejo, “há algumas coisas que nós já sabemos há muito, mas, devido à forma como o Professor Ganoune as apresentou, parecem verdadeiramente novas”. Já para Rúben Martins, pastor na Região Centro,



“Ganoune Diop apresentou mensagens extremamente cristocêntricas, sendo que a sua frase mais forte foi a de que, às vezes, damos mais importância àquilo que os outros pensam de nós do que aquilo que Cristo pensa de nós”. Neste encontro houve tempo ainda para o testemunho e para a intercessão mútua em oração. Foi igualmente o tempo da administração da UPASD apresentar os objetivos gerais e específicos para o próximo ano, bem como o

momento dos Departamentos mostrarem quais as ferramentas que estão disponíveis para serem utilizadas pelas igrejas em Portugal. Unidos em torno do lema “Viver +”, cada pastor, promotor e obreira bíblica pôde voltar para o seu campo tendo em mente um apelo feito pelo Pr. Enoque Nunes, Diretor da Associação Ministerial: “Sede fortes, e não desfaleçam as vossas mãos, porque a vossa obra terá recompensa” (II Crónicas 15:7).

## III ENCONTRO DE UNIVERSITÁRIOS ADVENTISTAS DE LISBOA

Ad7/RA

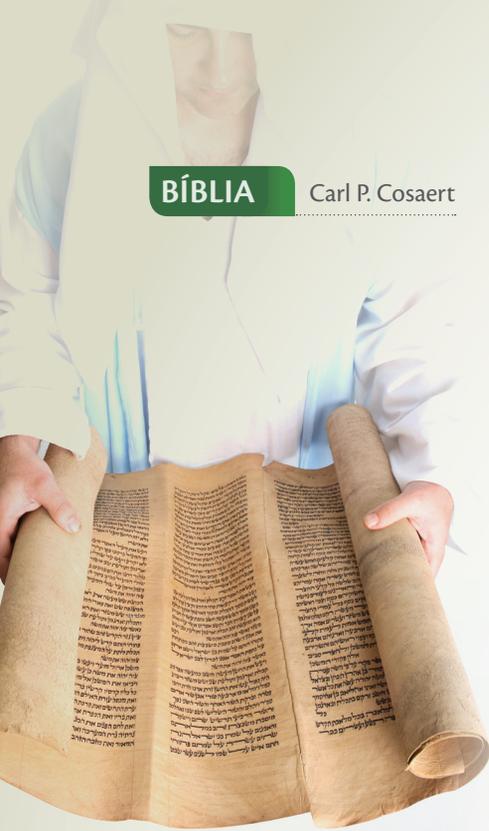
No sábado, 22 de novembro, foi realizado o III Encontro de Universitários da Igreja de Lisboa. Os principais objetivos foram fazer um balanço do ano transato e fazer planos para o ano de 2015. Este encontro contou com a participação da Pastora Hortelinda Gal, cujas palavras inspiradas fizeram eco em todos os corações. O tema foi “Tomar decisões”. Foi reforçada a ideia de que, quando se encontra Jesus na juventude, as decisões serão tomadas tendo em conta a

importância da espiritualidade em todas as vertentes da vida. Foi distribuído a todos os participantes o “Kit do Caloiro”, que contou com a colaboração do Departamento de Educação da UPASD, da AUA e do núcleo de Universitários da Universidade de Aveiro: Pasta de Congresso, Bíblia com capa iPhone 6, lápis e caneta com inscrição, bordado da AUA e uma pen com os links para a leitura da revista *Diálogo Universitário*. Um dos momentos mais inspiradores do congresso foi o visionamento dos excertos do filme *Chariots of Fire*, inspirado na vida de dois cam-

peões olímpicos de 1924, em Paris, Erick Lidle e Harold Abraams. Houve ainda tempo para uma conversa com vários profissionais da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Desta vez os engenheiros convidados falaram, entre outros temas, das dificuldades com o Sábado, das suas experiências e das formas de testemunho que usaram durante e após a realização do curso. Espera-se que, durante o ano de 2015, o núcleo de Universitários de Lisboa possa crescer, sobretudo em sabedoria e espiritualidade. Daí o convite a todos os universitários da região de



Lisboa para que se juntem ao núcleo. O propósito será sempre o mesmo, realizar a grande comissão de levar a mensagem ao Mundo confiada por Jesus ao Seu povo!



# A fiabilidade do Novo

## A MAIS ANTIGA EVIDÊNCIA MANUSCRITA

**S**erá que podemos afirmar que a Bíblia é uma revelação da vontade de Deus, confiável e dotada de autoridade? Este tem sido sempre um pilar central da fé cristã. Em contraste com o lugar de honra que a Bíblia tem ocupado entre os Cristãos, uma tendência recente da erudição textual, focando-se nas diferenças existentes em cópias antigas do Novo Testamento (NT), tem levantado um certo número de questões que colocam em dúvida a precisão e a fiabilidade das escrituras do NT. Por exemplo, os eruditos têm feito notar que nenhum dos escritos autógrafos originais existe hoje e que todas as cópias que existem são simplesmente cópias de cópias, estando a maioria destas cópias separadas dos originais por mais de mil anos.

Mas, enquanto a grande maioria dos manuscritos do NT estão mais de mil anos separados dos originais, um crescente número de manuscritos descobertos no Egito tem encurtado o espaço temporal entre os autógrafos do

NT e as suas cópias para apenas uma pequena centena de anos e, em alguns casos, mesmo para menos de cem anos. Estas descobertas providenciam mais evidência de que as escrituras do NT têm sido fielmente preservadas ao longo dos séculos.

### **A evidência anterior ao século XX**

Antes do fim do século XIX, a evidência textual para o NT em grego estava limitada a três categorias de manuscritos: (a) minúsculos; (b) lecionários; e (c) maiúsculos. Os manuscritos minúsculos são as cópias do NT escritas numa escrita pequena e cursiva utilizada entre os séculos nono e décimo-oitavo. Estes manuscritos totalizam a maior porção dos manuscritos do NT sobreviventes, contando-se 2907 manuscritos descobertos até ao presente. Embora a existência destes milhares de manuscritos seja impressionante, o valor destes manuscritos é mitigado na mente de alguns eruditos pelo facto de eles estarem afastados dos originais por cerca de mil

anos. Estando tão afastados dos originais, alguns eruditos têm-se interrogado sobre quão precisos estes manuscritos são, dado que alterações podem ter-se introduzido no texto ao longo de um tão grande período de tempo.

A segunda categoria de manuscritos, chamados lecionários, são, como o seu nome indica, cópias do NT que eram lidas como parte de um serviço litúrgico de adoração. Datados desde o século quinto, estes manuscritos tendem a ser mais antigos do que os manuscritos minúsculos. No entanto, o seu valor é limitado pelo facto de que eles não contêm porções contínuas do NT – eles meramente contêm porções de passagens dos vários livros que constituem o NT. Presentemente existem 2449 lecionários.

Por volta da viragem para o século XX, os manuscritos maiúsculos emergiram como a categoria mais antiga de manuscritos do NT disponível. O nome para esta categoria derivou do estilo mais antigo de escrita grega, que

# das Escrituras Testamento

usa letras gregas maiúsculas, em contraste com a escrita pequena e cursiva desenvolvida mais tarde. Todos estes manuscritos – menos dois – escritos num tipo de pele animal chamado pergaminho, datam de desde o quarto até ao nono século. Apenas 321 destes manuscritos existem hoje. O mais antigo destes manuscritos data de cerca do ano 350 d.C. e contém uma cópia em grego tanto do Velho como do Novo Testamento. Ele foi primeiro descoberto em 1844 no mosteiro de Santa Catarina, na Península do Sinai, e é usualmente referido como sendo o *Códex Sinaiticus*. Devido à antiguidade e extensão dos manuscritos maiúsculos, os eruditos consideram-nos como as cópias do NT disponíveis mais significativas. Embora estar afastado dos originais 300 anos seja, certamente, mais próximo do que mil anos, alguns cétricos continuavam a sugerir que alterações poderiam ter sido introduzidas no texto durante os anos que passaram entre os autógrafos e as suas cópias.

## **Uma descoberta surpreendente no Egito**

A evidência manuscrita para o NT mudou radicalmente em 1897, quando dois eruditos de Oxford, Bernard Grenfell e Arthur Hunt, deram com um achado de cerca de 40 000 fragmentos de antigos documentos escritos em papiro no sítio de uma antiga vila egípcia chamada Oxyrhynchus.<sup>1</sup> Sendo especialistas de Estudos Clássicos por formação, Grenfell e Hunt não tinham qualquer interesse em achar antigos manuscritos bíblicos. Eles tinham ido até ao Egito com aspirações bem diferentes. A descoberta de porções de um exemplar do segundo século do segundo livro de *A Iliada*, realizada por Flinders Petrie em 1887, tinha atraído estes jovens eruditos ao Egito, na esperança de que o clima quente e seco do Egito tivesse também preservado outras cópias de autores clássicos gregos que tinham desaparecido com o passar dos séculos.

Após um período desapontador transcorrido entre 1895 e

1896, Grenfell e Hunt voltaram a sua atenção para Oxyrhynchus, a cerca de 200 quilómetros a sudoeste do Cairo. Embora esta cidade tivesse sido, em tempos, a capital do distrito envolvente, a sua localização remota a oeste do Nilo e o seu papel insignificante na História tinha feito com que fosse desconsiderada por outros exploradores. Depois de fazerem o levantamento dos vestígios remanescentes da cidade e depois de escavarem sem proveito durante três semanas, Grenfell e Hunt estavam à beira de desistir.

No entanto, antes de deixarem a cidade, os dois jovens eruditos decidiram explorar um último lugar, a lixeira da cidade – um lugar em que os eruditos nunca tinham pensado como tendo valor. Para seu espanto, a primeira pazada de terra revelou uma porção de um manuscrito antigo com cerca de 2000 anos. A segunda pazada desenterrou a cópia mais antiga do Evangelho de Mateus alguma vez descoberta. Embora fosse apenas uma folha, datava do terceiro sé-

culo, um século mais antigo do que qualquer outro exemplar do Evangelho de Mateus. A descoberta não terminou aqui. No decurso dos dez anos seguintes eles descobriram todo o tipo de papiros não literários (e. g. cartas pessoais, recibos de impostos, faturas de vendas, procedimentos de divórcio), bem como fragmentos dos Evangelhos de Lucas e João, dos escritos de Paulo, e muito mais – embora, em muitos casos, os fragmentos não fossem maiores do que o tamanho de um cartão de crédito. Eles até descobriram uns poucos dos clássicos gregos que tinham esperado encontrar. Aquilo que, inicialmente, eles tinham pensado ser apenas lixo, revelou ser uma fonte primordial de antigos documentos e de artefactos com a idade de muitos séculos.

Desde a descoberta inicial de Grenfell e Hunt, o fluxo de papiros do NT tem crescido gradualmente ao longo das décadas, à medida que os eruditos continuam a traduzir e publicar textos de Oxyrhynchus.<sup>2</sup> Segundo a última contagem, um total de 51 pedaços de papiros do NT foram identificados como provenientes de Oxyrhynchus.<sup>3</sup>

Além dos papiros do NT, outros documentos desenterrados em Oxyrhynchus fornecem uma imagem de uma população de Cristãos crescente – aos quais nós somos, certamente, devedores dos papiros do NT. No terceiro século existiam em Oxyrhynchus – uma cidade com uma população de cerca de 30 000 pessoas<sup>4</sup> – duas igrejas cristãs. Por volta do início do sexto século a população saltara para 40 000 habitantes. Esta evidência articula-se bem com a afirmação de Rufinus de que a cidade tinha 30 igrejas no quarto e quinto séculos.<sup>5</sup> O Cristianismo não apenas criou raiz em Oxyrhynchus bem cedo, mas



	2º Século	2º/3º Séculos	3º Século	3º/4º Séculos	TOTAIS
Mateus	1	2	6	2	11
Marcos			1		1
Lucas			5	1	6
João	2		15		17
Atos			5		5
Romanos			5		5
I Coríntios			2		2
II Coríntios			1		1
Gálatas			1		1
Efésios			2	1	3
Filipenses			1	1	2
Colossenses			1		1
I Tessalonicenses			3		3
II Tessalonicenses			1	1	2
I Timóteo					0
II Timóteo					0
Tito			1		1
Filemon			1		1
Hebreus			3	1	4
Tiago			2	1	3
I Pedro				2	2
II Pedro				1	1
I João			1		1
II João					0
III João					0
Judas				2	2
Apocalipse	1		1	2	4
<b>TOTAIS</b>	<b>4</b>	<b>2</b>	<b>58</b>	<b>15</b>	<b>79</b>

parece também ter continuado a crescer a um ritmo rápido.

A descoberta em Oxyrhynchus também levou a um sem número de outras descobertas de papiros por todo o Egipto. Estas descobertas produziram até aqui um número adicional de 76 manuscritos do NT. Quando estes são adiciona-

dos aos papiros de Oxyrhynchus, o total monta a 127. Embora 127 manuscritos dificilmente se comparem em volume com os outros 5677 manuscritos gregos, a idade de muitos destes papiros, bem como a sua descoberta em cidades egípcias remotas e insignificantes como Oxyrhynchus, testificam sobre o valor que os Cristãos davam às escrituras do NT e testificam também sobre a larga extensão da sua circulação e uso.

Mas, ainda mais importante, a descoberta dos papiros do NT no Egipto ajuda a demonstrar quanto fielmente as escrituras do NT foram preservadas ao longo dos séculos. Antes da descoberta destes manuscritos, como mencionámos, a mais antiga evidência para as escrituras do NT datava, para um ou dois manuscritos, de meados do século quarto. Agora nós temos 62 manuscritos mais antigos, que os eruditos datam por volta do virar do terceiro para o quarto séculos ou ainda mais cedo.<sup>6</sup> De facto, um destes manuscritos, referido como sendo o *Papiro 52*, contém cinco versículos de João 18 e foi datado de cerca do ano 125 d.C.. Partindo do princípio que João escreveu o seu Evangelho em meados da década de 90 d.C., a descoberta do *Papiro 52* estreita o hiato entre o original e as cópias para menos de 50 anos. Descobertas desta natureza são excepcionais.

Claro está que a desvantagem particular da vasta maioria destes antigos papiros é a sua natureza fragmentária. Nos casos como o do *Papiro 52*, os fragmentos cobre, no máximo, apenas umas poucas palavras ou um par de versículos. Apenas uma mão cheia dos papiros cobre uma porção substancial do texto (P<sup>45</sup>, P<sup>46</sup>, P<sup>66</sup>, P<sup>75</sup>, P<sup>13</sup>, P<sup>72</sup>, P<sup>115</sup>), nenhum dos quais pode ser datado, infelizmente, como sen-



do anterior ao século terceiro. No entanto, mesmo estes pequenos fragmentos revelam que, ainda que com falhas típicas do escriba, o texto que eles contêm não difere inteiramente do texto preservado em cópias feitas séculos mais tarde.

Uma imagem interessante (ver o Quadro 1) aparece quando os mais antigos papiros do NT são organizados segundo os livros do NT que eles contêm. Neste caso, cada papiro não é contado meramente uma vez, mas é contado por cada livro que ele atesta.

Como indicado no Quadro, os papiros do NT contêm porções de quase todos os livros do NT. Os únicos escritos em falta são I e II de Timóteo e II e III de João. Excluindo o mero acaso destas descobertas, a natureza limitada da evidência para estas quatro cartas pessoais pode ser simplesmente a sua falta de popularidade entre alguns Cristãos dos primeiros tempos – talvez semelhante ao facto de que muitos Cristãos hoje preferem ler algumas cartas do NT em lugar

de outras. Seja como for, o que não se deveria deixar passar por alto é o facto marcante de que os antigos papiros cobrem todo o leque do cânone do NT. Isto é especialmente digno de nota à luz das questões entre alguns Cristãos primitivos sobre o estatuto canónico de alguns dos próprios livros atestados pelos papiros – em particular, Hebreus, Tiago, II Pedro e Apocalipse.

Também é interessante observar que, baseado no número de papiros do NT existentes antes do virar do século quarto, apenas João, Mateus, Lucas, Atos e Romanos têm uma maior representação entre os papiros do que o Apocalipse. Pode isto sugerir que o livro de Apocalipse tinha um interesse particular para os Cristãos do Egipto? A presença do Apocalipse também é interessante devido às dificuldades que ele enfrentou da parte de alguns Cristãos no Oriente, que pensavam que ele era bizarro de mais para ser aceite no cânone das escrituras sagradas.

Iríamos, claro está, além da extensão da evidência, se concluís-

semos que apenas estes livros, e mais nenhuns, eram vistos como dotados de autoridade pelos Cristãos primitivos. O próprio facto de cópias de “outros” Evangelhos e escritos terem aparecido no Egipto, como o Evangelho de Tomé, o Papiro Egerton 2, e, mais recentemente, o célebre Evangelho copta de Judas, sugere que os Cristãos estavam expostos a uma diversidade de materiais escritos desde os tempos mais antigos. Mas, se o que foi descoberto em Oxyrhynchus e noutros lugares é um guia para o que era lido, então a multiplicidade dos escritos do NT, em contraste com os exemplares isolados destes “outros” Evangelhos sugere que um valor superior era atribuído aos escritos do NT.<sup>7</sup>

### **A fiabilidade dos papiros do NT**

Um exame dos papiros e a sua relação com a Igreja Primitiva frequentemente levanta a questão de se saber se os papiros selecionados, descobertos numa cidade provincial como Oxyrhynchus no Egipto, proveem uma representação



do Nilo, onde não se espera que manuscritos em papiro possam sobreviver. As cartas pessoais e os documentos oficiais nos papiros egípcios sugerem que muitas das propriedades campestres ao longo do Egito estavam na posse de gregos ricos, cuja residência principal era em Alexandria.<sup>9</sup>

Além do mais, os papiros não literários também esboçam uma imagem muito dinâmica do mundo antigo, com pessoas e documentos viajando por todo o Mediterrâneo. De facto, é absolutamente certo que alguns dos documentos descobertos no Egito foram, na verdade, escritos fora do Egito. Por exemplo, um recibo de venda de um escravo descoberto em Oxyrhynchus tinha sido escrito na ilha grega de Rodes. Outros documentos e cartas descobertos em Oxyrhynchus provêm de lugares tão longínquos como Ravena, Macedónia, Seleucia e Panfília.<sup>10</sup> Assim, em lugar de os textos do NT apenas representarem um texto peculiar ao Egito, parece ser mais provável que os papiros representem, nas palavras de Eldon Epp, “o pleno espectro textual do Cristianismo antigo”.<sup>11</sup>

### Conclusão

A descoberta dos papiros do NT no Egito indica que os primeiros Cristãos valorizavam grandemente as escrituras do NT. Eles não apenas preservaram com precisão estes manuscritos nas cópias que fizeram, mas valorizavam-nas o suficiente para quererem levar consigo as suas cópias ao viajarem e viverem, quer nas grandes cidades do mundo mediterrânico, quer nos lugares mais afastados como as cidades e aldeias do Egito. Embora muito tenha mudado durante os dois últimos milénios, que a importância e o valor conferidos então às Escrituras possam

continuar a ser uma marca distintiva dos Cristãos de hoje. ♣

· Carl P. Cosaert

Professor de Novo Testamento e  
Cristianismo Primitivo  
Universidade de Walla Walla

1. Para um guia interessante e epítoreco sobre a vida e as cartas desta antiga cidade, veja-se Peter Parsons, *City of the Sharp-Nosed fish in Roman Egypt*, London, Weidenfeld and Nicolson, 2007. Para um relato mais erudito das descobertas feitas em Oxyrhynchus, veja-se A. K. Bowman, et al., *Oxyrhynchus: A City and its Texts*, London, Egypt Exploration Society, 2007. Uma grande riqueza de informações acerca das descobertas feitas em Oxyrhynchus pode também ser encontrada em linha em <http://www.papyrology.ox.ac.uk/POxy/> e também em <http://www.csad.ox.ac.uk/Poxy/frame1.htm>.

2. O Fundo para a Exploração do Egito começou a publicar os papiros de Oxyrhynchus em 1898 numa coleção intitulada *Oxyrhynchus Papyri*. A coleção encontra-se correntemente no 94º volume, mas agora é publicada sob o título *Graeco-Roman Memoirs*.

3. Peter M. Head, “Some Recently Published NT Papyri from Oxyrhynchus: An Overview and Preliminary Assessment”, *Tyndale Bulletin* 51, 2000, pp. 1-6.

4. “Oxyrhynchus: A City and its Texts, Virtual Exhibition; The Theatre”, s. p., citado em 2 de fevereiro de 2010. Em linha: [http://www.papyrology.ox.ac.uk/POxy/VExhibition/The\\_site/theatre.html](http://www.papyrology.ox.ac.uk/POxy/VExhibition/The_site/theatre.html).

5. Cf. P. Oxy 43 (A.D. 295); P. Oxy 1357 (A.D. 535-536). Veja-se também E. J. Epp, “The Codex and Literacy in Early Christianity and at Oxyrhynchus: Issues Raised by Harry Y. Gamble’s *Books and Readers in the Early Church*”, *Critical Review of Books in Religion*, 10, 1997, pp. 28-32; “The NT Papyri at Oxyrhynchus in Their Social and Intellectual Context”, in W. L. Petersen, J. S. Vos and H. J. D. Jonge, eds., *Sayings of Jesus: Canonical and Non-Canonical*, Leiden, E. J. Brill, 1997, pp. 47-68.

6. Eldon Epp, “The Papyrus Manuscripts of the New Testament” in *The Text of the New Testament in Contemporary Research: Essays on the Status Quaestiones*, eds. B. D. Ehrman and M. W. Holmes, Grand Rapids, Eerdmans, 1995, p. 6; “NT Papyri and the Transmission of the NT”, in Bowman, pp. 315-331.

7. Parsons, p. 198.

8. E. g., James A. Borland, “The Preservation of the NT Text: A Common Sense Approach”, *The Master’s Seminary Journal* 10, 1999, pp. 47 e 48. Num óbvio ataque aos textos descobertos no Egito, Borland defende que os textos copiados fora da Ásia Menor, Grécia, Itália e Palestina onde residiam os manuscritos “originais”, não teriam “o luxo de obter uma cópia de uma igreja que pudesse certificar que o exemplar provinha da mão do autor apostólico” (p. 47).

9. E. g. C. H. Roberts, *Manuscript, Society and Belief*, Oxford University Press for the British Academy, 1979, p. 4, nota 2.

10. Veja-se P. Oxy 13593; Eric G. Turner, *Greek Manuscripts of the Ancient World*, 2ª ed., rev. By P. J. Parsons, London, University of London, Institute of Classical Studies, 1987, pp. 50, 144 e 145. Ver também Epp, “The Significance of the Papyri for Determining the Nature of the New Testament Text in the Second Century: A Dynamic View of Textual Transmission”, in *Gospel Traditions in the Second Century: Origins, Recensions, Text and Transmission*, Christianity and Judaism in Antiquity 3, Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1989, pp. 280-283; *The Papyrus Manuscripts of the New Testament*, pp. 8-10.

11. Epp, *The Papyrus Manuscripts*, p. 9.

precisa dos escritos do NT em circulação fora do Egito.<sup>8</sup> A presença de elementos gnósticos entre alguns círculos de Cristãos no Egito e a preferência, entre os Padres da Igreja de Alexandria, como Orígenes, por uma compreensão alegórica das Escrituras, foram vistas por alguns estudiosos como, no mínimo, factos perturbadores quando se trata de avaliar os textos bíblicos descobertos no Egito.

Embora nós não possamos estar absolutamente certos de que os papiros do NT descobertos nas cidades e aldeias provinciais do Egito são representativos dos presentes em Alexandria, no Egito, ou sequer típicos da totalidade do mundo greco-romano, parece haver poucas razões para se duvidar da existência de uma tal correspondência. Enquanto a proveniência de alguns papiros permanece desconhecida, a sua descoberta não se limitou a Oxyrhynchus. Eles apareceram de quase todas as regiões do Egito, com exceção das áreas mais húmidas de Alexandria e do Delta

# Olhando para o cano de uma caçadeira



Quando eu tinha 18 anos e era um caloiro na Faculdade decidi dedicar as minhas férias da primavera a espalhar o Evangelho através do evangelismo pela literatura. Ora, dava-se o caso de que uma equipa de Colportores iria para uma cidade onde eu tinha passado a minha infância, pelo que rapidamente me juntei a eles, entusiasmado com a expectativa de partilhar Cristo na área onde eu tinha passado os meus primeiros anos de vida.

Ao chegarmos, a nossa equipa, constituída por oito membros, foi acolhida por um tempo glacial. A temperatura esteve nos cinco graus toda a semana. Alguns membros do grupo andavam para cima e para baixo nos passeios dos bairros da cidade com três ou, mesmo, quatro camadas de roupa. Periodicamente nós subíamos para a carrinha, para nos aquecermos nestes dias de trabalho de 10 horas. Nós fizemos a nossa apre-

sentação às portas de milhares de lares, enquanto flocos de neve caíam do céu e nuvens de ar quente saíam da nossa boca.

Mas Deus abençoou-nos, como Ele sempre faz com os jovens que se sacrificam para partilhar o Evangelho com outros. Cada pessoa no meu grupo alcançou um recorde nas vendas e as dúzias de caixas que tínhamos trazido conosco em breve ficaram vazias. Tivemos que contactar a nossa escola a meio da semana para que nos enviassem mais caixas com livros.

Por causa do meu tamanho – 1 metro e 92 centímetros de altura e 109 quilos de peso – e da minha personalidade extrovertida e ousada, o líder do grupo tinha o hábito de me colocar nas áreas mais difíceis para se venderem livros. De facto, não me lembro de ter sido enviado para colportar num bairro suburbano; estava sempre colocado em zonas urbanas. A cidade onde estávamos a colportar estava então entre as vinte e

cinco cidades mais perigosas dos Estados Unidos, mas, devido à minha juventude e à minha crença na proteção divina, eu não tinha consciência de qualquer perigo ao meu redor.

Perto do fim das férias da primavera, deixaram-me num bairro famoso pelos seus índices de crime violento. Enchi a minha mochila com livros *Aos pés de Cristo*, um livro devocional sobre como conhecer Jesus e com livros *O Desejado de Todas as Nações*, um clássico sobre a vida de Cristo. Esta área não era do tipo de área onde se pudesse vender livros de receitas culinárias. Eu mantive um ritmo rápido ao avançar pelo bairro, tendo algum sucesso e enfrentando muita rejeição. No entanto, eu avancei a passos largos, mantendo um espírito positivo.

Ao chegar a tarde, eu já tinha provavelmente batido a várias centenas de portas. Eu cheguei a uma zona ultrapovoada no lado norte do bairro, com casas dis-



postas em fila que pareciam especialmente mal conservadas. Eu avancei no frio, tendo os nós dos dedos tão vermelhos de bater às portas que comecei a usar o lado das mãos para esse efeito. Eu tinha já trabalhado mais de metade do quarteirão quando bati ou, talvez, esmurrei levemente uma certa porta.

“Quem é?”, perguntou uma voz áspera. “É o Benjamin”, disse eu. “O que é que tu queres?” A voz mostrava impaciência. Então eu disse algo que, provavelmente, não deveria ter dito ou, pelo menos, deveria ter dito de um modo ligeiramente diferente. Enquanto Colportores, é-nos ensinado que se revelarmos o propósito da nossa visita antes da porta se abrir, então as pessoas no outro lado irão provavelmente pensar que somos meros vendedores e dirão que não querem comprar nada. Por isso, nós não dizemos que estamos a vender algo, mas mantemos um certo mistério à volta da nossa presença. Ora, este não foi o modo mais correto de proceder na situação em que me encontrava.

“Eu quero mostrar-lhe uma coisa”, disse eu. Eu realmente não queria mais estar na rua a gritar para trás e para a frente com esta pessoa. Eu tinha que prosseguir. O frio instila em nós este tipo de atitude.

No momento seguinte, a porta abriu-se completamente e eu estava a olhar para o cano de uma caçadeira de canos serrados. Eu admito que, durante um par de segundos, realmente não reparei em quem estava atrás da arma. A arma ameaçadora captou toda a minha atenção. “O que me queres mostrar?”, rosnou a voz. A casa estava envolta em escuridão e tudo o que eu conseguia ver era uma figura humana sentada. Foi

então que percebi que era um homem numa cadeira de rodas.

Eu falei com ele lentamente, mas com confiança. Paulo disse ao jovem evangelista Timóteo que Deus não lhe tinha dado um espírito de temor, mas de amor, de poder e de tranquilidade mental. Enquanto jovem evangelista, eu tinha as três qualidades. Não me lembro de ter ficado assustado nem por um segundo; fiquei surpreendido, mas não assustado.

“Eu quero mostrar-lhe um livro sobre Jesus.” A arma continuava apontada à minha cara. O seu duplo cano parecia longo e escuro. “Mostra-mo!”, disse ele. “Lentamente!”

Bem, de qualquer forma eu ia mostrar o livro lentamente. Eu tirei da minha mochila um *Aos pés de Cristo* – com a imagem de um Jesus sorridente na capa – e mostrei-o. “Põe-no ali.” O homem fez um movimento rápido com a sua arma, indicando um móvel junto à porta. Eu coloquei lentamente o pequeno livro onde ele tinha indicado. “Penso que vai gostar dele”, disse eu. Ele murmurou algo. Eu não lhe pedi qualquer doação.

Após ter terminado de colportar naquela secção do bairro, fui ao escritório da associação do bairro. Ali estavam três mulheres a trabalhar em cubículos. Eu disse-lhes o que estava a fazer e elas cumprimentaram-me calorosamente e perguntaram-me o que eu pensava do bairro. Elas fizeram esta pergunta com sorrisos travessos, pois sabiam que o local estava em mau estado de conservação. Eu respondi que havia muita gente boa a morar ali. Elas concordaram.

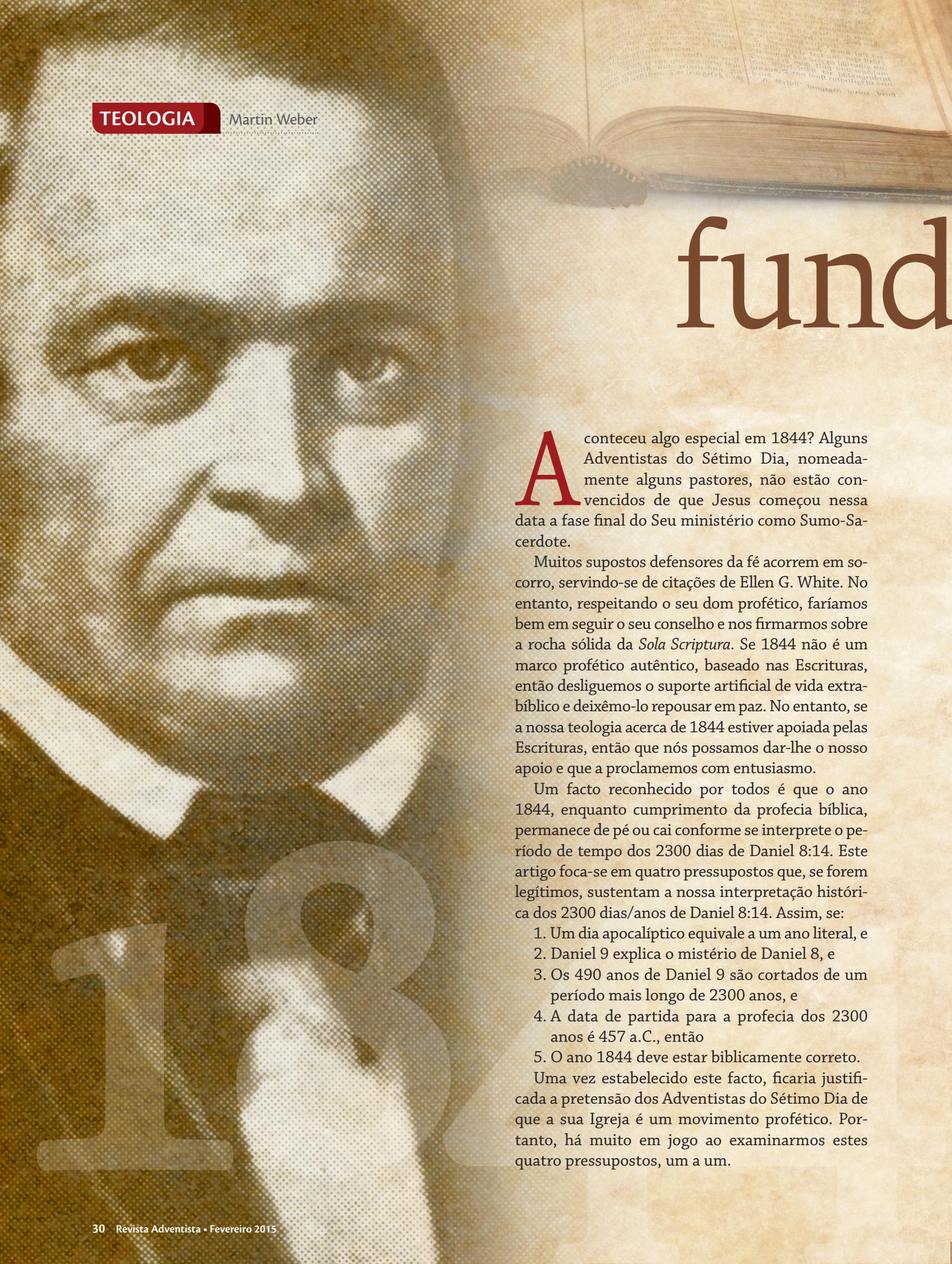
Então eu contei-lhes a minha experiência com o homem armado. Quando eu o descrevi, elas perceberam imediatamente de quem eu estava a falar e disseram-me que ele já tinha alvejado duas

pessoas (que elas soubessem). Ele era violento, mau e irredimível, afirmavam elas. Eu disse-lhes que ele tinha aceite um *Aos pés de Cristo*. Eu vendi a cada uma delas um livro e depois despedi-me. Então contactei o líder do meu grupo, dizendo-lhe que tinha terminado de colportar naquela área e fui-me rapidamente embora.

A história não acaba aqui. Uma década mais tarde, quando estava de novo na cidade – desta vez no verão – eu detive-me na casa do homem que me tinha apontado a arma. Desta vez eu bati suavemente à porta, mas ninguém atendeu. Fui ao escritório onde tinha encontrado as três mulheres gentis. Elas já não trabalhavam ali. Eu perguntei a um dos empregados se o homem da caçadeira ainda morava ali.

“Esse senhor morreu há cerca de dois anos”, disse ele. Ele percebeu imediatamente quem era o homem, tal como o tinham feito as mulheres dez anos antes. “Eu comecei a trabalhar aqui há três anos”, continuou o empregado do escritório. Todos me disseram que o dito senhor era um demónio, que ele nunca saía do seu apartamento, que ele alvejava pessoas. Ele tinha uma má reputação. Dado que eu era novo neste trabalho, enviaram-me um par de vezes a casa dele para receber a renda.” Eu respondi “Ai sim?”, desejoso de perceber a onde o levavam as suas recordações. “Eu nunca tive qualquer problema com ele. Ele era sempre gentil comigo. Convidava-me para entrar, oferecia-me café. Falava muito sobre Jesus. Eu não ligo muito à religião, mas ele tinha sempre perto da sua cadeira de rodas um pequeno livro com Jesus na capa.”

• **Benjamin Baker**  
Arquivista



# fund

**A**conteceu algo especial em 1844? Alguns Adventistas do Sétimo Dia, nomeadamente alguns pastores, não estão convencidos de que Jesus começou nessa data a fase final do Seu ministério como Sumo-Sacerdote.

Muitos supostos defensores da fé acorrem em socorro, servindo-se de citações de Ellen G. White. No entanto, respeitando o seu dom profético, fariamos bem em seguir o seu conselho e nos firmarmos sobre a rocha sólida da *Sola Scriptura*. Se 1844 não é um marco profético autêntico, baseado nas Escrituras, então desliguemos o suporte artificial de vida extra-bíblico e deixêmo-lo repousar em paz. No entanto, se a nossa teologia acerca de 1844 estiver apoiada pelas Escrituras, então que nós possamos dar-lhe o nosso apoio e que a proclamemos com entusiasmo.

Um facto reconhecido por todos é que o ano 1844, enquanto cumprimento da profecia bíblica, permanece de pé ou cai conforme se interprete o período de tempo dos 2300 dias de Daniel 8:14. Este artigo foca-se em quatro pressupostos que, se forem legítimos, sustentam a nossa interpretação histórica dos 2300 dias/anos de Daniel 8:14. Assim, se:

1. Um dia apocalíptico equivale a um ano literal, e
2. Daniel 9 explica o mistério de Daniel 8, e
3. Os 490 anos de Daniel 9 são cortados de um período mais longo de 2300 anos, e
4. A data de partida para a profecia dos 2300 anos é 457 a.C., então
5. O ano 1844 deve estar bíblicamente correto.

Uma vez estabelecido este facto, ficaria justificada a pretensão dos Adventistas do Sétimo Dia de que a sua Igreja é um movimento profético. Portanto, há muito em jogo ao examinarmos estes quatro pressupostos, um a um.

# Tem a data **1844** amento bíblico?

## **Um dia apocalíptico equivale a um ano literal**

Os Adventistas não inventaram este princípio de interpretação profética; já há 450 anos ele exprime a posição histórica dos Reformadores Protestantes. Até mesmo alguns eruditos Católicos e Judeus interpretaram os 2300 dias como sendo 2300 anos literais.<sup>1</sup> Tal como foi documentado, há mais de uma geração, pelo erudito Adventista LeRoy E. Froom, e tal como foi substanciado mais recentemente na série de sete volumes do Comité sobre Daniel e Apocalipse editada pelo Instituto de Pesquisa Bíblica, existe tanto precedentes históricos como apoio escriturístico para o princípio dia/ano. O facto de a maioria dos comentadores dos últimos 150 anos ter esquecido a sua herança Historicista não é razão suficiente para que nós os sigamos, precipitando-nos do despenhadeiro do Futurismo ou mergulhando no charco estagnado do Preterismo.<sup>2</sup>

Assim, o princípio dia/ano não foi uma invenção dos Milleritas no século XIX, nem foi um simples ás exegético escondido na manga dos Reformadores do século XVI. Existe uma sólida erudição bíblica que apoia a convicção de que um dia no tempo da profecia apocalíptica

equivale a um ano literal. E nós não precisamos de imitar o heroísmo – assente em textos-prova – dos nossos pioneiros Adventistas! Ainda mais convincente é o argumento da evidência contextual.

Por exemplo, o contexto dos capítulos 7 e 8 de Daniel refuta a noção de que os seus períodos de tempo possam ser literais. A ponta pequena do capítulo 7 emerge do quarto império mundial no sexto século d.C. e sobrevive até ao tempo do juízo final e do Advento; o versículo 25 mostra que o período de “um tempo, tempos e metade de um tempo” deve abarcar todos esses séculos de atividade da ponta pequena. Isso seria impossível caso apenas se tivesse em mente três anos e meio de tempo literal.

Já em Daniel 8 nós vemos que os 2300 anos do versículo 14 estendem-se desde o domínio do império persa, no quinto século a.C., até ao “tempo do fim”, o que implica um período com uma extensão de cerca de 2300 anos. O seu cumprimento está especificamente alinhado com os últimos dias, o tempo que precede imediatamente a proclamação final do Evangelho pelos “sábios” (veja Daniel 12:3 e 4). Os críticos falham em perceber o facto de que Daniel 8:17, quando ligado a Daniel 12:3-13, mostra conclusivamente

que a profecia dos 2300 dias cobre muitos séculos.

William H. Shea, do Instituto de Pesquisa Bíblica da Conferência Geral, fez uma extensa análise da profecia temporal na sua relação com o princípio dia/ano.<sup>3</sup> São particularmente fascinantes os seus safaris académicos pelos escritos poéticos do Antigo Testamento<sup>4</sup> e pelos intérpretes pós-Qumran.<sup>5</sup> Shea fortalece o seu argumento em favor do princípio dia/ano ao sugerir: “Neste tempo da nossa história de Igreja, quando a nossa atenção foi chamada para considerarmos algumas das doutrinas dos Reformadores, tal como a justificação e a justiça pela fé, fariamos bem em seguirmos também os seus princípios de interpretação profética.”<sup>6</sup>

## **Daniel 9 explica o mistério de Daniel 8**

O capítulo 8 de Daniel termina com o idoso profeta em profunda angústia. Horrorizado pelas atrocidades que a ponta pequena infligiria ao povo de Deus, ao Seu santuário e à Sua verdade, o profeta desmaia. Quando ele recupera as forças, o anjo já partiu, deixando Daniel “espantado acerca da visão, e não havia quem a entendesse” (Daniel 8:27). Devemos notar que o

único elemento da visão de Daniel 8 ainda inexplicado foi o seu tempo.

Passa então cerca de uma década, com o tempo da tribulação profetizada permanecendo um mistério. Até que chegamos a Daniel 9, que abre com uma referência à predição de Jeremias de que a desolação de Jerusalém deveria durar 70 anos (veja o versículo 2). Apenas um par de anos faltava para aquela agenda de restauração; no entanto, nada parecia acontecer. Estava a ansiosa libertação atrasada? Talvez sim, pois, juntamente com a promessa da restauração de Jerusalém, Jeremias tinha avisado que as promessas de Deus dependiam da cooperação do Seu povo (veja Jeremias 18:9 e 10). Dado que Daniel testemunhava a maldade contínua e a “confusão de rosto” (Daniel 9:7) do seu povo, ele temia que Deus pudesse, de facto, ter decidido adiar a libertação.

Neste contexto, o idoso profeta orou fervorosamente com “jejum, saco e cinza” (Daniel 9:3). Numa das mais tocantes súplicas de toda a Bíblia, Daniel implorou a misericórdia para os pecadores. Ele suplicou em favor do “santuário assolado” (Daniel 9:17). Então ele acrescentou: “Opera sem tardar, ó Deus meu, porque a tua cidade e o teu povo se chamam pelo teu nome” (Daniel 9:19).

Apesar da situação desesperada, as súplicas de Daniel foram misturadas com esperança e, mesmo, com confiança. Ele sabia que Deus ama o Seu povo e está sempre ansioso por perdoar. Além do mais, o Senhor ordenara a Gabriel: “Dá a entender a este a visão” (Daniel 8:16). *Esta ordem dada a Gabriel estava ainda por realizar*, deixando os 2300 dias e o santuário desolado envoltos em mistério.

Subitamente a resposta chegou. Gabriel apareceu de novo e anunciou: “Daniel, agora saí para fazer-te entender o sentido. (...)”

Toma, pois, bem sentido na palavra e entende a visão” (Daniel 9:22 e 23). Dado que a oração do profeta pedindo entendimento tinha envolvido o tempo da restauração prometida, Gabriel começa com uma explicação temporal: “Setenta semanas estão determinadas sobre o teu povo e sobre a tua santa cidade, para extinguir a transgressão e dar fim aos pecados e para expiar a iniquidade e trazer a justiça eterna e selar a visão e a profecia e para ungir o Santo dos Santos” (Daniel 9:24).

A que visão se estava a referir Gabriel? A única resposta possível é: À visão que tinha ficado por explicar no capítulo anterior. Assim, a explicação de Daniel 9 resolve o mistério de Daniel 8. Tal como foi notado por Gerhard F. Hasel,<sup>7</sup> há uma forte conexão entre os dois capítulos.

### **Os 490 anos de Daniel 9 são “cortados” do período de tempo mais extenso de 2300 anos**

Este ponto é, simultaneamente, crucial e facilmente demonstrável. Embora a maioria das traduções de Daniel 9:24 usem palavras como “determinadas” ou “decretadas”, a tradução poderia igualmente ser, de modo fácil e preciso, “cortadas”. William Shea nota que “a análise dos escritos hebreus, tais como a *Mishna*, revela que, embora *chathak* possa significar “determinar”, o significado mais comum ‘tem a ver com a ideia de cortar’”.<sup>8</sup> A literatura rabínica antiga empregava a palavra no sentido de “amputar”.<sup>9</sup> “O bem conhecido Dicionário Hebreu-Ingês de Gesenius indica que a referida palavra hebraica significa ‘cortar’ ou ‘dividir’”.<sup>10</sup>

Muitos comentadores cristãos clássicos concordam aqui com a interpretação Adventista. Por exemplo, considere-se o comentário de Phillip Newell: “A palavra hebraica usada aqui (...) tem a conotação

literal de “cortar”, no sentido de separar de uma porção maior.”<sup>11</sup> O *Pulpit Commentary* concorda que “determinadas”, como já foi indicado, significa “cortadas”.<sup>12</sup> O léxico da Concordância de Strong apoia a mesma conclusão. Os Adventistas do Sétimo Dia estão, portanto, justificados em verem os 490 anos de Daniel 9 como sendo cortados do período de tempo maior que representa os 2300 anos de Daniel 8.

A única questão a que resta responder é: Quando devemos começar a contagem profética? Daniel 9:25 diz-nos que ela deve começar com a ordem de restaurar e reconstruir Jerusalém. Em que ano isto aconteceu?

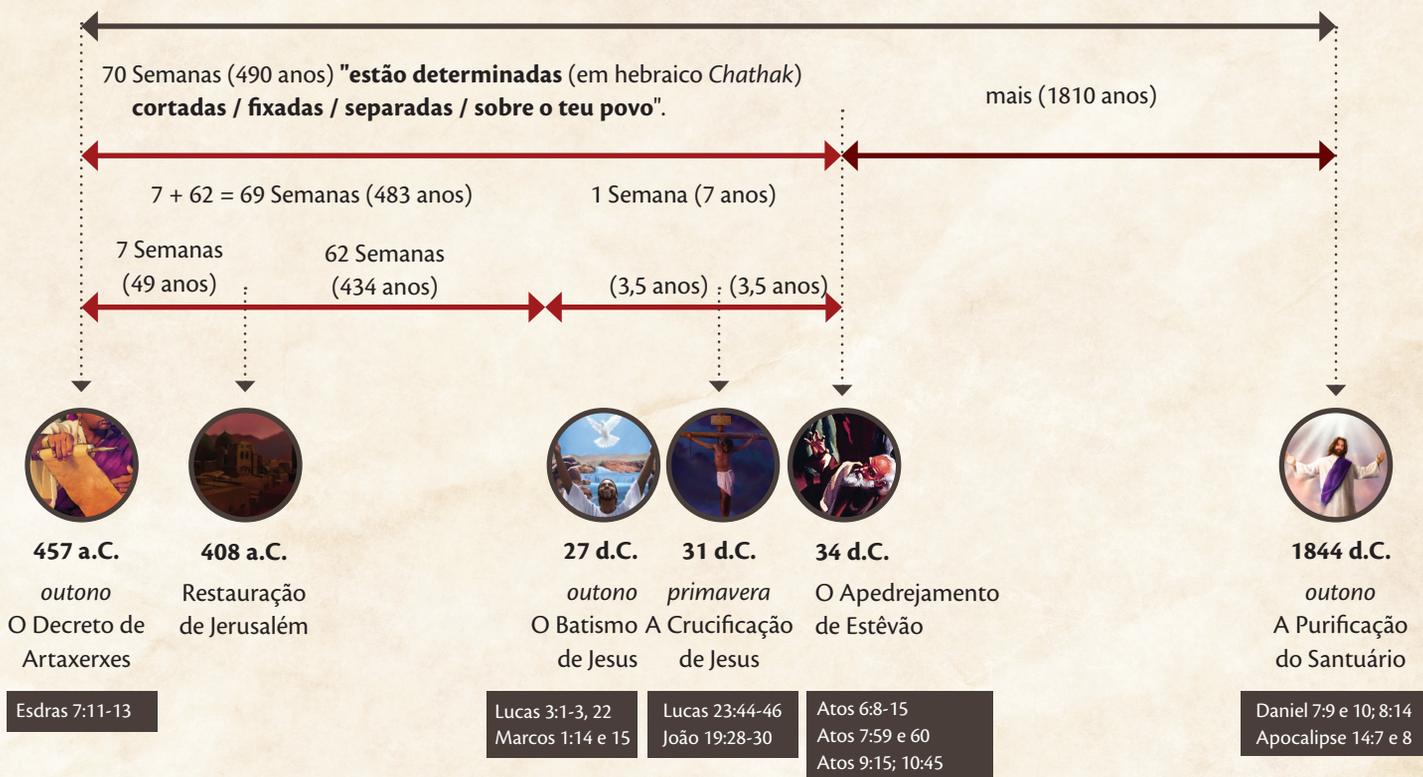
### **A profecia dos 2300 anos começou em 457 a.C.**

Presentemente, a arqueologia documenta a datação Adventista do decreto histórico para se reconstruir Jerusalém. Assim, um livro recente da Zondervan, amplamente aclamado entre os evangélicos – a *Enciclopédia das dificuldades bíblicas* –, estabelece o ano de 457 a.C. como a data de começo da profecia de Daniel 9 (embora o autor não tente estabelecer qualquer ligação com Daniel 8).<sup>13</sup>

De facto, antes das gémeas heresias jesuítas do Futurismo e do Preterismo terem minado o Historicismo bíblico, muitos académicos respeitadas de várias origens, durante o último milénio, situaram a data de começo da profecia dos 2300 dias/anos no *quinto século a.C.*<sup>14</sup> Entre os Católicos, “por volta de 1292, Arnold de Villanova disse que os 2300 dias representam 2300 anos, contando esse período de tempo desde o tempo de Daniel até ao Segundo Advento. (...) Melhor conhecido pela maioria dos historiadores da Igreja é o ilustre Nicholas Krebs de Cusa, Cardeal Católico Romano, académico, filósofo e teó-

# 2300 TARDES E MANHÃS = 2300 DIAS / EM TEMPO PROFÉTICO 2300 ANOS

(Ver Números 14:34 e Ezequiel 4:6.)



logo, que, em 1452, declarou que os 2300 anos-dias começavam no tempo da Pérsia”.<sup>15</sup> “No século que se seguiu à Reforma Protestante, muitos expositores Protestantes, desde o teólogo inglês George Downham (que morreu em 1655) até ao advogado britânico Edward King em 1798, declararam que o número 2300 significava o mesmo número de anos. John Tillinghast (morreu em 1655) fazia-os terminar no Segundo Advento e no reino de mil anos dos santos. Tillinghast foi o primeiro a afirmar que as 70 semanas de anos eram um período de tempo menor no interior do período mais extenso dos 2300 anos.”<sup>16</sup>

John Fletcher, um companheiro de John Wesley, em 1755 interpretou a purificação do santuário como sendo a restauração da verdade, corrompida pelo erro papal, no final

de um período de 2300 anos que começara na Pérsia.<sup>17</sup> E Johann Petri, um pastor alemão reformado, “em 1768 deu o passo final (...) levando à conclusão inevitável e climática de que os 490 anos (70 semanas de anos) são a primeira parte dos 2300 anos. Ele começou ambos os períodos em sincronia, 453 anos antes do nascimento de Cristo e terminando os 490 anos em 37 d.C. e os 2300 anos em 1847. (...) Em breve, homens de ambos os lados do Atlântico, em África, até mesmo na Índia e noutros países, começaram a expor as suas convicções de modo semelhante”.<sup>18</sup>

Aqueles que procuram desmantelar a plataforma profética dos Adventistas do Sétimo Dia deveriam fazer uma pausa e considerar que, se nós merecemos censura por causa das nossas interpreta-

ções da profecia, então também a merecem o amplo e ilustre grupo de académicos bíblicos que nos transmitiram a nossa herança profética. Nós estamos apenas a levar a tocha que nos foi passada.

## Esclarecer os decretos que confundem

Chegados a este ponto, alguns poderiam protestar que o fraseado do decreto de Artaxerxes I, datado de 457 a.C., não faz menção de qualquer ordem para reconstruir a cidade de Jerusalém, de modo a cumprir o ponto de partida da profecia indicado por Daniel 9. Esta ameaça à interpretação Adventista desaparece quando consideramos que o decreto para reconstruir e restaurar Jerusalém foi, na realidade, uma combinação de três decretos unidos para formarem um

só, que culminou no ano 457 a.C..

O primeiro destes decretos, emitido por Ciro, o Grande, em 538 a.C. (ou, talvez, em 537 a.C.), permitiu aos exilados judeus voltarem a instalar-se na sua pátria e capacitou-os para construírem para Deus “uma casa em Jerusalém” (Esdras 1:2-4). O segundo decreto foi emitido por volta de 519 a.C. por Dario I, confirmando o decreto original de Ciro (Esdras 6:1-12). Assim, sob Ciro, a reconstrução começou e foi terminada sob Dario I (Esdras 6:15). No entanto, foi Artaxerxes I que restaurou ou “adornou” (Esdras 7:27) o templo terminado. Este terceiro decreto (Esdras 7:11-26) vem coroar os dois primeiros, pois comissionava Esdras a nomear juizes com plena autoridade política e religiosa. Só após esta ordem final é que Jerusalém foi restaurada como capital da nação. Isto explica por que *os três decretos estão indicados como sendo um só* nas Escrituras: “E edificaram a casa e a aperfeiçoaram, conforme ao mandado do Deus de Israel, e conforme ao mandado [singular] de Ciro e de Dario e de Artaxerxes, rei da Pérsia” (Esdras 6:14).

Para ilustrarmos isto, imagine-mos que Ciro começou a construir um carro e que Dario acabou a sua construção, mas só depois de Artaxerxes ter emitido o certificado de registo do veículo é que o carro

pôde percorrer a via profética. Pelo que devemos datar a reconstrução e a restauração de Jerusalém a partir da ordem do terceiro rei.

Lembre-mo-nos de que a desolação de Jerusalém envolveu muito mais do que a destruição de edifícios, pelo que a profecia de Daniel 9 incluía a restauração a par com a reconstrução. O privilégio de Jerusalém de aplicar a Lei de Deus tinha sido perdido, pelo que a restauração da cidade requeria o reinstaurar do governo civil e religioso. Isto foi finalmente realizado pelo decreto de Artaxerxes em 457 a.C., uma data que, já fizemos notar, é reconhecida pelos eruditos evangélicos.

Concluindo: É verdade que (1) um dia apocalíptico equivale a um ano literal; (2) Daniel 9 explica o mistério de Daniel 8; (3) os 490 anos de Daniel 9 são “cortados” do período de tempo mais longo dos 2300 anos; e (4) a data de partida para a profecia dos 2300 anos é 457 a.C.. Portanto, o ano de 1844 deve ser o resultado de uma legítima interpretação da profecia bíblica, pelo que fica também assegurada a autenticidade da Igreja Adventista do Sétimo Dia como sendo um movimento profético.

### **O ano 1844 deve ser bíblico**

Jesus lançou a Sua missão enquanto Messias em 27 d.C., *precisamente como estava previsto*, para “se-

lar a visão e a profecia” em Daniel 8 e 9 quanto à fiabilidade da escala de tempo profetizado. No meio da septuagésima semana de anos, Cristo foi “cortado” na cruz, *precisamente como estava previsto*. Ele ascendeu então ao santuário celestial para administrar os benefícios do sacrifício único do Calvário e, no fim dos 2300 anos, em 1844, precisamente como estava previsto, Ele começou a fase final do Seu ministério celestial.

Tudo se realizou precisamente como a Bíblia afirmou, em harmonia com a nossa herança Historicista. Para nós, Adventistas, isto significa que podemos ter plena confiança acerca do facto de que Deus conduz a disseminação da nossa mensagem e a nossa missão. Para o mundo, isto significa que as pessoas precisam de saber que nós temos algo a partilhar.

Neste artigo revimos o testemunho escriturístico e histórico sobre o ano 1844 e também confrontámos algumas questões referentes a este marco da profecia bíblica. As evidências são claras para todos os que têm olhos para as verem e coração para nelas crerem. No fundo, talvez tudo se resuma à posse de honestidade intelectual e de empenho espiritual, qualidades que não estarão em falta entre o Remanescente final de Deus. ✦

**• Martin Weber**  
Pastor

1. Veja-se LeRoy E. Froom et al., *Seventh-day Adventists Answer Questions on Doctrine*, Washington, DC: Review and Herald, 1957, pp. 308-316. Veja também os capítulos 4, 12 e 23 de *Seventh-day Adventists Believe... A Biblical Exposition of 27 Fundamental Doctrines*, Silver Spring, MD: General Conference Ministerial Association, 1988.  
2. Dito de modo simples, o “Futurismo” é a crença de que a maior parte da profecia está ainda por cumprir. No extremo oposto, o “Preterismo” ensina que a maior parte das profecias já foram realizadas no passado. O “Historicismo” sustenta que a profecia tem um cumprimento que se desenrola ao longo da História, mas deixando lugar para o seu grande ponto culminante aquando da Segunda Vinda de Cristo.  
3. Veja William H. Shea, *Selected Studies on Prophetic Interpretation*, Washington, DC: General Conference of Seventh-day Adventists, 1982, pp. 56-93. O livro de Shea é o primeiro volume na série de livros do Comité de Daniel e Apocalipse, editado pelo Instituto de Pesquisa Bíblica.

4. *Idem*, p. 68 e seguintes.  
5. *Idem*, pp. 92 e 93.  
6. William H. Shea, “The Year-Day Principle in Prophecy”, *Pacific Union Recorder*, 22 de setembro de 1980, p. 2.  
7. Gerhard Hasel faz notar que, enquanto “a designação normal para ‘visão’ em Daniel é o termo *hazon*”, a palavra usada em 8:16 e 8:26 e 27 é *mar’eh*. É significativo que *mar’eh* surge de novo em 9:23: “Compreende a visão.” “Diversos eruditos têm reconhecido um elo de ligação entre os capítulos 8 e 9 por causa do uso deste termo.” Gerhard F. Hasel, “The Audition About the Sanctuary” in Frank B. Holbrook (ed.), *Symposium on Daniel*, Washington, DC: Biblical Research Institute, 1986, p. 437. Veja também Gerhard F. Hasel, “Revelation and Interpretation in Daniel”, *Ministry*, outubro de 1974, pp. 20-23.  
8. Shea, “The Relationship Between the Prophecies of Daniel 8 and Daniel 9”, in *The Sanctuary and the Atonement*, Arnold Wallenkamp (ed.), Washington, DC: Review and Herald, 1981, p. 242. Citado em *Seventh-day*

*Adventists Believe...*, p. 330, n. 40.  
9. Jacques Doukhan, “The Seventy Weeks of Daniel 9: An Exegetical Study”, *The Sanctuary and the Atonement*, p. 263, n. 11.  
10. Gesenius, *Hebrew and Chaldee Lexicon to the Old Testament*, trad. P. Tregelles, Grand Rapids: W. E. Erdmans, 1950, p. 314. Citado em *Seventh-day Adventists Believe...*, p. 323.  
11. Citado em Desmond Ford, *Daniel*, Nashville: Southern Publishing Association, 1978, p. 225.  
12. *The Pulpit Commentary*, H. D. M. Spence (ed.), New York: Funk & Wagnalls, 1950, vol. XIII, p. 218.  
13. Gleason L. Archer, *Encyclopedia of Biblical Difficulties*, Grand Rapids: Zondervan, 1982. Veja a p. 290.  
14. *Questions on Doctrine*, pp. 309-316.  
15. *Idem*, p. 311.  
16. *Idem*, p. 312. Ênfase do autor.  
17. LeRoy E. Froom, *The Prophetic Faith of Our Fathers*, Washington, DC: Review and Herald, 1954, vol. II, p. 688.  
18. *Questions on Doctrine*, p. 313.

# O FUNDO DO POÇO

## Primeiro passo para a recuperação: admitir que precisas de Deus

**B**ill era tenente-adjunto do Exército dos Estados Unidos quando bebeu o seu primeiro copo de uma bebida alcoólica. Com vinte e dois anos, ele tinha uma boa carreira à sua frente e uma namorada afetuosa. Estava bem lançado para transformar num sucesso uma vida que tinha partido de um começo duro. O alcoolismo do seu pai tinha destruído o casamento dos seus pais quando ele era apenas um miúdo, pelo que ele tinha sido criado pelos seus avós. Mas tudo parecia indicar que Bill iria ultrapassar esse começo duro, até que ele descobriu que, tal como o seu pai, gostava de beber.

À data em que tinha atingido os trinta anos, Bill era uma pessoa arruinada. Enquanto antes ele costumava beber para celebrar um negócio bem-sucedido, agora ele não conseguia manter um emprego. Ele e a sua esposa estavam a viver na casa dos pais dela, porque eles não tinham dinheiro para habitarem numa casa sua. Bill estava de tal modo em baixo que, por vezes, ele mendigava dinheiro na rua. Ele foi hospitalizado quatro vezes, para tentar deixar de beber.

Um dia, em 1934, Bill desistiu. Ele admitiu que não podia fazer nada para quebrar o poder do alcoolismo na sua vida. Cabia a Deus ajudá-lo.

Oitenta anos mais tarde, a organização que Bill W. fundou – os Alcoólicos Anónimos – tem mais de dois milhões de membros em 150 países. Os dois primeiros passos que um alcoólico tem de dar no programa são (1) admitir que é impotente para resolver o seu problema e (2) pedir ajuda a um poder superior.

Enquanto Cristãos, cidadãos do reino de Deus, sabemos que Deus é o nosso poder superior. Os alcoólicos falam acerca do facto de terem primeiro de atingir o fundo do poço, chegando mesmo a mendigar dinheiro nas ruas, antes de perceberem como realmente precisam de ajuda. Mas nós não somos sem-abrigo ou mendigos. Nós estamos muito bem na vida, somos populares e vivemos uma vida impecável, não é? Será que todos nós precisamos de chegar ao fundo do poço para aceitar a oferta de ajuda que Deus nos faz? 

*Retirado da revista Guide*



## Saúde & Bem-Estar



Segredos  
que Mudarão  
a Sua Vida

Editores Mark A. Finley e Peter N. LeVell

€0,50

Jesus aproximava-Se das pessoas como Alguém que **lhes queria bem**. Faça o mesmo, em Seu nome, através da oferta de um livro que mudará vidas.



18 de abril de 2015

Participe na **distribuição nacional** do livro missionário!

